

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

YURI RAPHAEL AUGUSTO VIEIRA

**O CIRCUITO INFERIOR NOS ARREDORES DO ESTÁDIO MORUMBI DURANTE
OS DIAS DE JOGOS DO SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE**

São Paulo

2025

YURI RAPHAEL AUGUSTO VIEIRA

**O CIRCUITO INFERIOR NOS ARREDORES DO ESTÁDIO MORUMBI DURANTE
OS DIAS DE JOGOS DO SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE**

Trabalho de Graduação Individual entregue ao Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Maria Mónica Arroyo

São Paulo

2025

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação Serviço de
Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Vieira, Yuri Raphael
V657c O CIRCUITO INFERIOR NOS ARREDORES DO ESTÁDIO
MORUMBI DURANTE OS DIAS DE JOGOS DO SÃO PAULO FUTEBOL
CLUBE / Yuri Raphael Vieira; orientadora Mónica Arroyo - São
Paulo, 2025.
79 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual)- Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia.

1. circuitos da economia urbana. 2. circuito
inferior. 3. futebol e geografia. 4. geografia dos
estádios. I. Arroyo, Mónica, orient. II. Título.

Vieira, Yuri Raphael Augusto. **O circuito inferior nos arredores do estádio Morumbi durante os dias de jogos do São Paulo Futebol Clube.** Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Geografia

AGRADECIMENTOS

A apresentação deste trabalho representa a conclusão de uma graduação de cinco anos. Cinco anos não são cinco dias: é mais de um quinto da minha vida. Nesse período, cresci e amadureci em todos os sentidos, e a Geografia foi uma ferramenta essencial nesse processo.

Em primeiro lugar, agradeço à minha família pelo apoio e pelo suporte que tornaram possível a realização desta jornada. Em segundo lugar, agradeço a Caio, João, Lorenzo, Mateus, Paulo, Rafael, Raul e Wallace, amigos que estiveram comigo desde o início, tornando a graduação possível, maximizando os bons momentos e oferecendo força nos momentos difíceis. Em especial, agradeço aos que, comigo, formaram o “Bonde do ABC”: as longas viagens de volta para casa seriam inviáveis sem vocês ao meu lado.

Agradeço à professora Mônica Arroyo pelo carinho, paciência e dedicação com que exerce seu trabalho como docente e orientadora. Também agradeço aos professores Rodrigo Almeida e Marina Montenegro por comporem a banca avaliadora.

Sou igualmente grato aos colegas da monitoria e do LCB, espaço que se tornou minha segunda casa e um ponto de refúgio ao longo da graduação. Agradeço ao técnico Rogério pela paciência, amizade e parceria nesses cinco anos, assim como aos professores Emerson Galvani e Sueli Furlan pelos ensinamentos e conselhos que, além de contribuírem para minha formação acadêmica, me ajudaram a me tornar uma pessoa melhor. Graças a eles, vivi algumas das melhores experiências da minha vida. Nos trabalhos de campo — fundamentais para a formação de um geógrafo — deixo meu agradecimento também a toda a equipe de motoristas, representada na figura do Seu Domingues, um amigo improvável que conquistei nesses últimos anos.

Guardarei com muito carinho todos os momentos e experiências que vivi aqui. Por fim, agradeço a todos os outros amigos e professores que, em algum momento, estiveram ao meu lado, ajudando-me a desbravar o mundo por meio da Geografia.

“Eu não tenho a intenção de viver mil anos. Se eu viver só por hoje, já está bom.”

— Portgas D. Ace, One Piece (Oda)

RESUMO

Vieira, Yuri Raphael Augusto. **o circuito inferior nos arredores do estádio Morumbi durante os dias de jogos do São Paulo Futebol Clube**. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

A partir da teoria dos dois circuitos da economia urbana de Milton Santos (1979), este trabalho examina as características e o funcionamento do circuito inferior nos arredores do Estádio do Morumbi em dias de jogo do São Paulo Futebol Clube. Busca-se entender como se organiza a distribuição dos trabalhadores e de seus pequenos comércios, destacando a lógica própria que estrutura essa dinâmica e a forma como ela se sustenta sem uma regulação formal. Além disso, investiga-se por que essas atividades se concentram de maneira tão intensa no entorno do estádio e em que medida esse cenário se diferencia de outras áreas semelhantes, considerando suas origens, motivos e consequências. Para isso, além das observações em campo, foram realizadas 21 entrevistas semiestruturadas com trabalhadores do circuito inferior, a fim de produzir dados que permitam identificar até que ponto a teoria dialoga com a realidade encontrada. Assim, o objetivo deste trabalho é compreender o funcionamento do circuito inferior no Morumbi em dias de jogo, suas regras próprias, suas particularidades e suas relações com outros contextos urbanos.

Palavras-chave: Circuito Inferior, Morumbi, Comércio de Rua, Economia Urbana.

ABSTRACT

Vieira, Yuri Raphael Augusto. **The lower circuit (circuito inferior) in the surroundings of Morumbi Stadium on São Paulo Futebol Clube's game days.** Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

Based on Milton Santos' (1979) theory of the two circuits of the urban economy, this undergraduate thesis examines the characteristics and functioning of the lower circuit (circuito inferior) in the surroundings of Morumbi Stadium on São Paulo Futebol Clube's game days. The study seeks to understand how workers and their small-scale commercial activities are spatially distributed, emphasizing the internal logic that organizes this dynamic and how it operates without formal regulation. It also investigates the specific factors that lead to the intense concentration of these activities around the stadium and the extent to which this setting differs from other comparable areas, considering its origins, motivations, and consequences. To this end, in addition to field observations, 21 semi-structured interviews were conducted with lower circuit workers, generating data to assess how the theoretical framework aligns with the observed reality. The aim is to understand how the lower circuit functions in the Morumbi area on game days, including its own rules, particularities, and relations with other urban contexts.

Keywords: Lower Circuit, Morumbi, Street Commerce, Urban Economy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Relação Administrativa: bairro do Morumbi.....	18
Figura 2 - Relação Administrativa: distrito do Morumbi visão de satélite.....	19
Figura 3 - Arredores do estádio na década de 1960.....	21
Figura 4 - Etapas iniciais da construção do estádio.....	22
Figura 5 - Delimitação espacial das áreas de atuação do circuito inferior nos arredores do Estádio do Morumbi em dia de jogo.....	26
Figuras 6 e 7 - Deslocamento de torcedores pela Avenida Jorge João Saad e pela Praça Roberto Gomes Pedrosa.....	28
Figura 8 - Torcedores e o circuito inferior na Av. Giovanni Gronchi.....	28
Figura 9 - Ponto fixo instalado na Av. Jorge João Saad.....	44
Figura 10 - Ponto fixo residencial voltado para comercialização de produtos.....	45
Figura 11 - Aglomeração de circulantes e pontos fixos nos arredores do Estádio do Morumbi em dia de jogo.....	45
Figura 12 - Circulantes nas imediações da estação de metrô São Paulo-Morumbi.....	46
Figura 13 - Food trucks (pontos móveis) na Avenida Jorge João Saad.....	47
Figura 14 - Stand da Falange Tricolor (ponto móvel) no cruzamento da G. Vatanabe com a Avenida Jorge João Saad.....	47
Figuras 15 e 16 - Concentração de pontos fixos próximo ao estádio, respectivamente na Praça Roberto Gomes Pedrosa e na Av. Jules Rimet.....	48
Figura 17 - Percurso de circulantes em direção ao Estádio do Morumbi pela Linha 4 Amarela..	50
Figuras 18 e 19 - Circulante vendendo bebidas em carrinho de mão e circulante vendendo acessórios.....	55
Figuras 20 - Food Truck nos arredores do estádio.....	56
Figura 21 - Consumidores em um ponto fixo residencial.....	57

QUADROS

Quadro 1 - Roteiro de campo.....	17
----------------------------------	----

TABELAS

Tabela 1 - Médias de público do São Paulo como mandante no Morumbi por temporada nos últimos 10 anos.....	24
---	----

GRÁFICOS

Gráfico 1 - O consumo de produtos em dias de jogo.....	36
Gráfico 2 - O consumo de produtos nos arredores do estádio.....	37
Gráfico 3 - Compra de produtos nas lojas do estádio.....	37
Gráfico 4 - Compra de produtos de trabalhadores do circuito inferior próximo ao estádio.....	38
Gráfico 5 - Compra de produtos de lojas e bares próximos ao estádio.....	38
Gráfico 6 - Relação entre o meio de transporte utilizado e o cargo dos trabalhadores.....	49
Gráfico 7 - Motivo de inserção no circuito inferior dos arredores do Morumbi.....	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 - CIDADE E FUTEBOL: A RELAÇÃO ENTRE O DISTRITO DO MORUMBI E O ESTÁDIO CÍCERO POMPEU DE TOLEDO.....	18
1.1 Contextualização histórica.....	19
1.1.1 Surge o maior estádio particular do mundo.....	20
1.1.2 As mudanças no bairro a partir dos anos oitenta.....	23
1.1.3 São Paulo - Morumbi: a nova estação da Linha Amarela.....	23
1.2 Delimitação da área de estudo.....	25
1.2.1 Arredores do Estádio do Morumbi.....	25
1.2.2 O papel da Companhia de Engenharia de Tráfego.....	27
CAPÍTULO 2 - A ADAPTAÇÃO DO MEIO AMBIENTE CONSTRUÍDO DURANTE UM DIA DE JOGO.....	29
2.1 Involução metropolitana e circuito inferior.....	30
2.2 Adequação das formas espaciais.....	31
2.3 A paisagem enquanto geradora de consumo.....	34
2.4 A pulverização das atividades.....	39
CAPÍTULO 3 - O CIRCUITO INFERIOR EM DIA DE JOGO NO ESTÁDIO DO MORUMBI	41
3.1 Classificação e distribuição do circuito inferior pelo espaço.....	41
3.2 Perfil do trabalhador do circuito inferior e a questão do trabalho.....	48
3.2.1 Por que o Morumbi?.....	48
3.2.2 Inserção e permanência no circuito inferior: entre a necessidade e a oportunidade	51
3.3 Conteúdos do circuito inferior nas áreas estudadas.....	53
3.3.1 Logística e Infraestrutura.....	54
3.3.2 Mercadoria e a questão do estoque.....	58
3.3.3 Mecanismo financeiro e a relação com o cliente.....	60
3.3.4 Mecanismo do preço e a questão do lucro.....	62
3.3.5 Relação com o estado e a questão da fiscalização.....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	68
ANEXOS.....	72
Anexo 1- Questionário realizado com os trabalhadores do circuito inferior.....	72
Anexo 2- Perfil do Torcedor São Paulino em sua experiência no Estádio do Morumbi... 75	
Anexo 3- Origem dos deslocamentos dos trabalhadores do circuito inferior rumo ao Estádio do Morumbi.....	79

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, nosso objetivo principal é compreender as dinâmicas que influenciam e definem o circuito inferior da economia urbana (SANTOS, 1978, 1979, 1994) e seu funcionamento na cidade de São Paulo na atualidade. De modo mais específico, buscamos analisar esse circuito nos arredores do Estádio do Morumbi, casa do São Paulo Futebol Clube, em dias de jogo, considerando suas regras próprias, particularidades e aproximações com a teoria.

Para isso, a compreensão do atual período histórico, essencial para o entendimento deste trabalho, parte da análise do funcionamento e da dinâmica das metrópoles. A intensificação da participação do Brasil na divisão internacional do trabalho resultou na presença crescente de agentes da economia globalizada e de suas atividades modernas nas grandes metrópoles do país, sobretudo em São Paulo, que apresenta maior destaque nacional.

Entretanto, as novas tecnologias e modernizações que adentraram o território brasileiro nesse período têm sido orientadas prioritariamente ao aumento da produção, e não necessariamente à geração de empregos (SINGER, 1999). À medida que o emprego formal se torna mais escasso, intensifica-se a concentração de renda, levando grande parte da população a recorrer a formas alternativas de subsistência, como atividades informais e precárias, que oferecem baixa remuneração e, em muitos casos, sequer garantem ocupação estável. Em uma sociedade na qual o avanço da informação amplia continuamente as necessidades de consumo de bens e serviços, as disparidades tornam-se ainda mais evidentes. Tais diferenças produzem impactos profundos no espaço urbano, manifestando-se na qualidade da moradia, na disponibilidade de infraestrutura, no acesso ao trabalho e nas condições gerais de vida. Desse quadro emergem a desigualdade social, a desigualdade urbana e um conjunto de mazelas estruturais, como a macrocefalia urbana, o agravamento da violência, a expansão das favelas e o aumento da pobreza, tendo como principal consequência a existência de uma massa de pessoas com salários muito baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com rendas muito elevadas (SANTOS, 2008 [1979], p. 37).

Portanto, as metrópoles não abrigam exclusivamente atividades modernas, possuindo também uma ampla variedade de práticas econômicas realizadas pela população mais pobre. Desse modo, nelas atuam diferentes divisões do trabalho que coexistem e, por sua vez, estabelecem relações distintas com o meio social. Essas divisões do trabalho podem ser analisadas como circuitos da economia urbana (SANTOS, 1979). A proposta teórica dos

circuitos busca interpretar a economia urbana dos países subdesenvolvidos a partir da existência de dois circuitos.

Essa divisão presente na sociedade urbana em relação às possibilidades de satisfação das necessidades¹ ocasiona diferenças quantitativas e qualitativas no consumo, as quais, por sua vez, são a causa e o efeito da existência de diferentes circuitos de produção, de distribuição e consumo nas cidades desses países. O circuito superior é formado por setores como bancos, comércio e indústrias voltadas à exportação, além de serviços e atividades industriais modernas, incluindo atacadistas e transportadores. Ele surge diretamente das modernizações que reconfiguram o território. Já o circuito inferior constitui-se por formas de fabricação de capital não intensivo, serviços não modernos fornecidos a varejo, comércio não moderno e de pequena dimensão, voltados sobretudo ao consumo da população de menor renda. A teoria também reconhece a existência de um circuito superior marginal, que ocupa uma posição intermediária: mesmo integrando o circuito superior e apresentando alguns traços ligados à modernização, ele ainda preserva práticas e características associadas ao circuito inferior (MONTENEGRO, 2006). Os circuitos da economia urbana podem ser compreendidos como subsistemas que compõem o sistema urbano, dentro do qual todas as formas de trabalho se articulam. Ambos têm a mesma origem, mesmo que expressem consequências diretas e indiretas da modernização.

Apesar da denominação, os circuitos não funcionam como sistemas isolados; pelo contrário, mantêm entre si relações simultâneas de complementaridade e disputa. Todavia, é importante destacar a existência de uma hierarquia, na qual o circuito inferior mantém uma posição de dependência em relação ao circuito superior, sobretudo no que diz respeito aos serviços prestados por intermediários, como atacadistas, transportadores e fornecedores de crédito (MONTENEGRO, 2006).

Uma vez que tomamos neste trabalho o circuito inferior como protagonista, precisamos trabalhar melhor a sua definição. Nesse sentido, fazendo uma síntese sucinta das ideias de Santos (1979), a fim de melhor compreender esse conceito, pode-se dizer que ele é caracterizado por ser fruto de uma economia mais pobre, de capital não intensivo. Entre outros fatores, destacam-se o uso de trabalho intensivo, menor burocratização, uso de crédito pessoal e dinheiro em espécie, volumes reduzidos e ausência de formação superior especializada, ressaltando-se como objetivo principal a garantia da sobrevivência.

¹ Entende-se como uma divisão entre aqueles que podem ter acesso de maneira permanente aos bens e serviços oferecidos e aqueles que, tendo as mesmas necessidades, não têm condições de satisfazê-las (Santos, [2008], 1979, p.37).

Além disso, nesse modelo destacam-se atividades de pequena escala — como o pequeno comércio não regulamentado, o artesanato e certos serviços não modernos — cujo diferencial é a existência de uma regulação própria, com normas e formas específicas de organização econômica. O circuito inferior abrange grupos com pouco acesso a recursos e capital, que recebem pouco apoio (ou até mesmo enfrentam repressão) do Estado. Assim, trata-se frequentemente de um grupo marginalizado e com menos garantias, dependente de eventos esporádicos e efêmeros, como, por exemplo, uma partida de futebol em microescala ou um campeonato como um todo em macroescala.

A partir dessa definição, percebemos que essa teoria tão rica, revela formas de organização da sociedade que muitas vezes passam despercebidas. Atores e agentes essenciais para o funcionamento da economia acabam se tornando quase invisíveis, naturalizados como parte do cotidiano, sem que reflitamos sobre quem são essas pessoas, como vivem e por que ocupam determinados espaços. Além desses questionamentos iniciais, no prefácio da obra “O Espaço Dividido”, Santos apresenta uma observação que me toca de maneira especial, sobretudo em um tema que, desde o meu primeiro contato, sempre instigou meu interesse:

A ambição de uma obra que procura apresentar um corpo de ideias elaboradas de modo pioneiro é provocar um debate teórico e encorajar estudos empíricos que confirmarão ou não a ideia geral e ajudarão a reformulá-la (SANTOS, 2008 [1979], p. 11).

Influenciado pelas palavras do autor, este estudo surge com o propósito de aproximar a teoria da realidade, desenvolvendo uma investigação empírica capaz de coletar dados e delinear o perfil do circuito inferior em um determinado local, conferindo visibilidade a essa riqueza de informações frequentemente pouco explorada. Contudo, apesar do nosso desejo de seguir a teoria a rigor, é preciso destacar que, por ter sido elaborada na década de 1970, ela reflete as condições daquele período e não contempla plenamente as transformações ocorridas na economia urbana desde então. Por essa razão, mesmo sendo a base teórica primordial desta pesquisa, também utilizamos contribuições mais recentes que incorporam as dinâmicas e características do cenário contemporâneo, sobretudo a partir das reflexões de duas autoras que têm oferecido importantes atualizações sobre o circuito inferior (MONTENEGRO, 2006, 2012; SILVEIRA, 2007, 2015).

Com o objetivo e com a base teórica definida, o passo seguinte foi a escolha da área de estudo. Para a realização deste trabalho, optou-se por analisar o circuito inferior presente nos

arredores do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, popularmente conhecido como Morumbi², casa do São Paulo Futebol Clube.

Definido isso, faz-se necessário justificar o recorte espacial adotado. Como ocorre com frequência em pesquisas, elementos subjetivos relacionados ao pesquisador tornam-se relevantes. O estádio foi escolhido por ser um local que o autor acompanhou esporadicamente nos últimos quatro anos, ação que facilitou o reconhecimento e a compreensão do cenário analisado. Ademais, a proximidade com a Universidade de São Paulo garante maior viabilidade na realização do trabalho e na coleta dos dados desejados.

Por outro lado, é fundamental considerar as características do próprio distrito do Morumbi. Embora seja amplamente conhecido por suas altas taxas econômicas e por concentrar população de renda elevada, grande parte de sua configuração urbana moderna está associada à construção do estádio, que desde sua origem exerce influência direta sobre a economia local. Atualmente, essa influência se manifesta de maneira ainda mais evidente com a presença expressiva do circuito inferior em seu entorno.

Além disso, a área estudada — os arredores do estádio — apresenta extensão reduzida, o que facilita a observação sistemática e a obtenção de dados mais fidedignos. Soma-se a isso a proximidade com a estação de metrô São Paulo-Morumbi, fator que amplia o acesso e contribui para a dinâmica socioeconômica local.

Outro motivo igualmente relevante reside no fato de que o circuito inferior observado no entorno do estádio apresenta características distintas daquelas descritas por Santos. Para o autor, é comum que o circuito inferior esteja diretamente articulado ao bairro, funcionando como um mecanismo de sobrevivência tanto para os vendedores quanto para os consumidores, geralmente moradores da própria região e com menor poder aquisitivo. Nos arredores do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, contudo, essa dinâmica se altera. As partidas atraem dezenas de milhares de torcedores provenientes de diferentes classes sociais e de múltiplas localidades da região metropolitana de São Paulo, o que modifica profundamente a relação de proximidade típica entre vendedores e consumidores. Assim, o circuito inferior que se forma nesse espaço opera sob lógicas distintas, marcadas por fluxos intermitentes, grande rotatividade e menor vínculo territorial direto.

Logo o objetivo geral deste estudo é compreender como se dá o funcionamento do circuito inferior nos arredores do Morumbi em dias de jogo, identificando suas regras próprias, bem como suas particularidades e semelhanças em relação à teoria. Para isso,

² Embora a nomenclatura oficial atual do estádio seja MorumBIS, optamos por não utilizar esse termo ao longo do trabalho. Trata-se de um nome vinculado a um contrato de naming rights de duração limitada, o que compromete sua permanência como referência espacial. Assim, adotamos a denominação tradicional Estádio Cícero Pompeu de Toledo ou simplesmente Morumbi, mais estáveis e amplamente reconhecidas pela população.

entendemos ser necessário traçar uma série de objetivos específicos que orientem a pesquisa. Entre eles, destacam-se:

- A) apresentar uma contextualização e um recorte temporal atualizados da teoria de Milton Santos;
- B) determinar o perfil das pessoas que integram o circuito inferior na cidade de São Paulo, especialmente nas proximidades do Estádio Morumbi;
- C) compreender a importância econômica desse grupo para a dinâmica local;
- D) verificar a atuação do Estado em relação a essas trabalhadoras e trabalhadores;
- E) fornecer dados que possam subsidiar investigações futuras;
- F) e, por fim, estabelecer um diálogo inicial com a linha de pesquisa geografia e futebol.

Com o fito de chegar a conclusões que atendam aos objetivos pré-estabelecidos, é preciso, agora, aprofundar os métodos que foram utilizados para obter os dados necessários, capazes de revelar novas informações ou colaborar com as ideias já existentes.

Os instrumentos de pesquisa³ utilizados na realização do trabalho foram, principalmente, baseados no trabalho de campo. Assim, em primeiro lugar, utilizou-se o método da observação, por meio da ida a campo para analisar os sujeitos da pesquisa — no caso, os comerciantes que faziam parte do circuito inferior no local de estudo. O intuito dessa etapa foi analisar previamente como essas pessoas agiam, como funcionava o mercado, compreender as regras e mecanismos próprios desse circuito e verificar se era possível identificar determinados padrões ou situações semelhantes e recorrentes. Levando em consideração Appolinário (2012), classificamos essa observação como direta (por meio dos sentidos enquanto o fenômeno ocorria), assistemática (permitindo a descrição de situações não esperadas), não participante (sem interação com os sujeitos) e não oculta (perceptível pelos próprios sujeitos).

Consideramos essa primeira etapa essencial para a realização do trabalho. Foi durante essas primeiras observações que conseguimos compreender melhor o objeto de estudo, identificando como funcionava o circuito em termos de organização, infraestrutura e horários. Além disso, por meio de caminhadas por toda a região, foi possível entender a delimitação

³ De maneira geral, podemos definir o termo “instrumento de pesquisa” como um procedimento, método ou dispositivo (aparelho que tenha por finalidade extrair informações de uma determinada realidade, fenômeno ou sujeito da pesquisa (APPOLINÁRIO, 2012, v.2, p.137).

espacial em que os agentes se concentravam, permitindo, assim, mapear e definir a área de estudo.

Nossa segunda opção metodológica, visando um melhor aproveitamento dos trabalhos de campo, consistiu na aplicação de 21 questionários semiestruturados com trabalhadores pertencentes ao circuito inferior, localizados na área estudada. O questionário aplicado, apresentado em anexo (**ver anexo 1**) ao final deste trabalho, inspirou-se no modelo adotado na dissertação de mestrado da Prof^a. Dr^a. Marina Regitz Montenegro, junto aos tópicos e características abordados no Capítulo 8, “Circuito Inferior”, do livro "Espaço Dividido", de Milton Santos.

Como é possível ver no quadro abaixo, a realização dos trabalhos de campo ocorreu em sete datas diferentes ao longo de todo o ano de 2025.

Quadro 1 - Roteiro de campo

Jogo	Data	Horário	Público Estimado	Objetivo
São Paulo Futebol Clube x Sport Club do Recife	29/03/2025	18h30	30.000 pessoas	Observação
São Paulo Futebol Clube x Associação Esportiva Ferroviária	16/08/2025	16h	10.000 pessoas	Observação
São Paulo Futebol Clube x Club Atlético Nacional	19/08/2025	21h30	55.000 pessoas	Observação
São Paulo Futebol Clube x Botafogo de Futebol e Regatas	14/09/2025	17h30	35.000 pessoas	Aplicação do Questionário
São Paulo Futebol Clube x Ceará Sporting Club	29/09/2025	20h	35.000 pessoas	Aplicação do Questionário
São Paulo Futebol Clube x Sociedade Esportiva Palmeiras	05/10/2025	16h	30.000 pessoas	Aplicação do Questionário
São Paulo Futebol Clube x Esporte Clube Bahia	25/10/2025	21h30	35.000 pessoas	Aplicação do Questionário

Fonte: CET

Fonte: autoria própria. Dados: Companhia de Engenharia de Tráfego

Por fim, o presente trabalho se divide em três capítulos. Apresentamos no capítulo 1 uma discussão sobre os processos que caracterizam a nossa área de estudo, a sua delimitação e a relação do distrito do Morumbi com a criação do estádio, trazendo uma breve contextualização histórica de ambos. No segundo capítulo buscamos discutir as características e os elementos que propiciam e possibilitam a permanência e atuação do circuito inferior nos arredores do estádio em dia de jogo. Enquanto, no terceiro capítulo, fazemos a caracterização do circuito inferior e seus agentes, a partir dos dados coletados na nossa metodologia, neste capítulo completamos a consecução do objetivo geral da nossa pesquisa. Nas considerações finais, retomamos as questões consideradas mais relevantes.

CAPÍTULO 1

CIDADE E FUTEBOL: A RELAÇÃO ENTRE O DISTRITO DO MORUMBI E O ESTÁDIO CÍCERO POMPEU DE TOLEDO

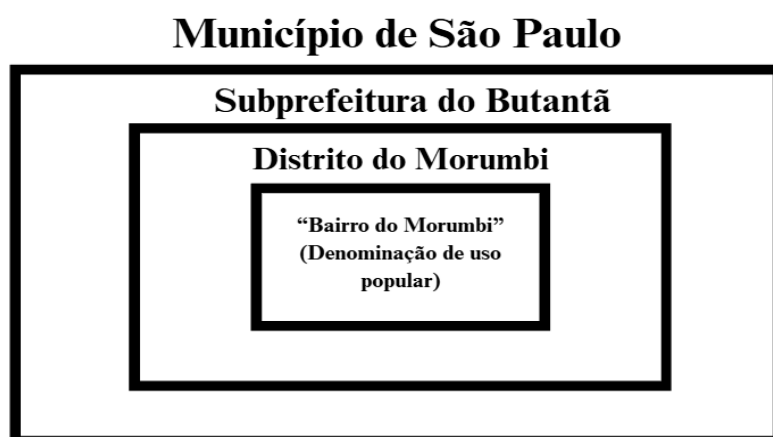


Figura 1 - Relação Administrativa: bairro do Morumbi
Fonte: autoria própria

O intuito deste capítulo é aprofundar a compreensão sobre a área de estudo, abordando brevemente a história do distrito do Morumbi, a construção do estádio Cícero Pompeu de Toledo e o desenvolvimento de outras infraestruturas relevantes, como a estação de metrô São Paulo–Morumbi. Ademais, serão apresentados o recorte espacial adotado e as justificativas que motivaram essa escolha, considerando as circunstâncias e os objetivos do trabalho.

Partindo disso, o primeiro passo para iniciar o processo de caracterização da área de estudo do nosso trabalho é compreender onde está localizado o Estádio Cícero Pompeu de Toledo. Para isso, é necessário esclarecer uma dúvida que se mostra muito presente no imaginário coletivo e no senso comum, a diferença entre o Morumbi enquanto distrito e enquanto bairro. A Prefeitura de São Paulo organiza o espaço da cidade a partir da classificação em regiões, subprefeituras e distritos, sendo os bairros uma divisão administrativa não oficial, voltada mais ao aspecto cultural ou de uso cotidiano (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2023a).

Assim, o Distrito do Morumbi, localizado na Região Oeste, faz parte da Subprefeitura do Butantã e possui uma extensão territorial de 11,5 km², abrigando 17 bairros, entre eles: Cidade Jardim, Fazenda Morumbi, Jardim D'Oeste, Jardim Everest, Jardim Guedala, Jardim Leonor (parte), Jardim Morumbi, Jardim Panorama, Jardim Sílvia, Jardim Viana, Jardim Vitória Régia, Morumbi, Paineiras/Morumbi Real Parque, Vila Morumbi, Vila Progredior e Vila Tramontano (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2023a). Apesar das particularidades locais, para quem não é morador, todo esse espaço é comumente chamado de Morumbi, o que pode gerar confusões, sobretudo uma vez que o nome do bairro Jardim Leonor, onde está localizado o estádio, é muito pouco utilizado.

Portanto, mesmo que a maior parte da nossa área de estudo esteja localizada dentro do Jardim Leonor, uma pequena parcela dela se encontra em outros bairros, fazendo com que seja necessário abranger o distrito como um todo nesse trabalho. A outra razão para essa escolha decorre da praticidade de enquadrar nossa área de estudo em uma só região, evitando possíveis confusões aos leitores de outras regiões da cidade.



Figura 2 - Relação Administrativa: distrito do Morumbi visão de satélite
Fonte: autoria própria. Base cartográfica: Google Earth Pro (2025)

1.1 Contextualização histórica

No artigo “MORUMBI: o contraditório bairro-região de São Paulo”, Gohn(2010) reserva uma parte do seu texto para trazer um pouco da história do Morumbi. Assim, a região foi povoada inicialmente no século XVI pelos jesuítas, sendo estes expulsos em 1750 pelo Fisco Real, órgão controlador de terras na colônia. Posteriormente, em meados do século XVIII, ares de nobreza e elitismo já começaram a aparecer, visto que João VI transformou o espaço em uma área de produção de chá, presenteando um produtor inglês, John Maxwell Rudge, com o terreno - inaugurando assim a Fazenda Boa Vista do Morumby⁴. Após a abolição da escravatura no Brasil, em 1888, o cultivo do chá entrou em decadência, e com ele a Fazenda Boa Vista do Morumby. Só em 1940 o antigo casarão foi reconstruído, mantendo o estilo colonial que veio a inspirar muitas mansões do bairro, em sua ala tradicional, horizontalizada (GOHN, 2010).

Seguindo a linha cronológica, pode-se dizer que, até o final da década de 1970, a região do Morumbi era marcada pela existência de enormes mansões, terrenos vazios e áreas verdes (CALDEIRA, 2000, p. 244-245) facilitando a ocorrência de loteamentos imobiliários e a possibilidade de construção de grandes estruturas, como a própria construção do Estádio do Morumbi.

1.1.1 Surge o maior estádio particular do mundo

A busca do São Paulo Futebol Clube por uma casa é antiga, passando mesmo a ser dono de outras estruturas, a exemplo do Estádio do Canindé. Com uma torcida cada vez maior, somada à ambição dos dirigentes da época, surgiu o sonho de construir uma nova casa que conseguisse alocar ainda mais torcedores durante as partidas de futebol (ESTÁDIO DO MORUMBI, s.d.). Além do status que essa nova aquisição proporcionaria e dos sonhos particulares dos sócios do clube, a criação do estádio visava colher benefícios sociais e econômicos com o decorrer do tempo, uma vez que ocasionaria a redução dos custos com o aluguel de estádios, além de gerar renda com empréstimos da estrutura a outros times e grandes eventos (como shows nacionais e internacionais), somada à renda da bilheteria. Vale ressaltar que, na época, o produto do futebol era a própria partida, com os rendimentos vindo majoritariamente da venda de ingressos para os jogos (ALMEIDA, 2025). Por conseguinte, um estádio de maior capacidade, além de permitir alocar mais torcedores e fortalecer a marca do clube, também ocasionaria, conseqüentemente, uma maior renda.

⁴ O nome Morumby advém do tupi guarani. Há controvérsias quanto ao seu significado, sendo citados os de colina verde em forma de cone, mosca verde e luta oculta (GOHN, 2010, p. 269)

A aproximação entre o clube tricolor paulista e a região do Morumbi não tem uma história simbólica ou romântica por trás, tendo o clube até mesmo tentado adquirir as terras que hoje pertencem ao Parque Ibirapuera.

O sonho de construir um grande estádio começou a se tornar realidade. A ideia inicial era a área onde atualmente encontra-se o Parque do Ibirapuera, na época uma região alagada, mas o então vereador Jânio Quadros impediu que o clube recebesse a área da prefeitura. O local escolhido foi uma área no Jardim Leonor, região do Morumbi, praticamente desabitada, que estava em processo de loteamento imobiliário. (CASA DO MORUMBI, s.d.)



Figura 3 - Arredores do estádio na década de 1960
Fonte: Estádio do Morumbi (s.d.)

Dado isso, a escolha da localização ocorreu por uma questão de mercado, visto que havia lotes disponíveis à venda por um baixo custo. A compra ocorreu em 1951, com o início do projeto no ano seguinte, marcado por uma inauguração parcial em 1960, e pela inauguração total do estádio em 25 de janeiro de 1970, aniversário do clube. O acontecimento foi um marco na história do futebol brasileiro: com 120 mil lugares, o Estádio do Morumbi passou a ser chamado de “o maior estádio particular do mundo”, feito impressionante para a época, sobretudo na cidade de São Paulo, uma vez que criava uma barreira entre os times paulistas rivais. Junto a esse feito, outros números demonstram a grandeza dessa construção para a época:

(...) para o desenvolvimento do projeto foram necessárias 370 pranchas de papel vegetal; cinco meses foram consumidos nas terraplanagens e escavações, com o movimento de 340 mil metros cúbicos de terra; um córrego foi canalizado; o volume de concreto utilizado é equivalente a construção de 83 edifícios de dez andares; os 280 mil sacos de cimento usados, se colocados lado a lado, cobririam a distância de São Paulo ao Rio de Janeiro; 50 mil toneladas de ferro, que dariam para circundar a Terra duas vezes e meia. (CASA DO MORUMBI, s.d.).



Figura 4 - Etapas iniciais da construção do estádio
Fonte: Estádio do Morumbi (s.d.)

Desse projeto nasceu o Estádio Cícero Pompeu de Toledo – batizado em homenagem ao jogador, dirigente e então presidente do clube – sendo posteriormente conhecido como Estádio do Morumbi. Sua presença e construção foram determinantes para a reconfiguração urbana do bairro, que se consolidaria nas décadas seguintes, tornando-se parte fundamental da história do município. Para D’Alexandria (2021), os estádios são elementos de produção do espaço urbano, uma vez que aumentam o fluxo de pessoas, promovendo a dinâmica dessas áreas. Ademais, entende-se que os estádios também contribuem para o ramo imobiliário, uma vez que atraem o surgimento de novos empreendimentos nas proximidades.

A fisionomia dos estádios e seu objetivo se alteram. Entretanto, tratando-se de geografia urbana, os grandes estádios possuem um projeto arquitetônico que facilita a transição e fluxo dos espectadores em dias de grandes eventos. Assim sendo, estes estádios localizam-se, na maioria das vezes, em locais de maior movimentação de transportes públicos e maior concentração de vias de transporte. Ultimamente tem-se percebido uma tendência à construção de estádios em áreas menos urbanizadas, para que a necessidade viabilize investimentos na acessibilidade, conforme a demanda.

Assim sendo, o estádio pode ser considerado um “objeto geográfico” capaz de modificar e reorganizar a área territorial a qual está situado, da mesma forma como os shopping centers o fazem (BRAGUETO; HOFIG, 2013, p. 86).

A partir disso, não é exagero afirmar que no distrito do Morumbi há um marco temporal em que o estádio começa a ser o protagonista, fazendo-se preciso analisar as mudanças na configuração espacial nas décadas seguintes posteriores à inauguração do estádio.

1.1.2 As mudanças no bairro a partir dos anos oitenta

Na década de 1980, dez anos depois da inauguração total do estádio, o Morumbi começou a passar por significativas mudanças.

Segundo Caldeira (2000):

O Morumbi e a Vila Andrade tiveram um significativo crescimento populacional nos anos 80. Apesar do Morumbi ser um bairro de classe alta há pelo menos 30 anos, ele mudou radicalmente depois do início da década de 80. O que era um bairro de enormes mansões, terrenos vazios e áreas verdes, foi transformado, depois de uma década de construção frenética, num distrito de edifícios. No final dos anos 70, ele foi descoberto por incorporadores imobiliários que decidiram aproveitar o baixo custo dos terrenos e o código de zoneamento favorável e o transformaram no bairro com o mais alto número de novos empreendimentos imobiliários da cidade durante os anos 80 e 90. [...] a novidade no Morumbi e na Vila Andrade não é só o volume de construção, mas também o tipo de construção: os conjuntos habitacionais murados (CALDEIRA, 2000, p. 244-245).

Mesmo que, no senso comum, o Morumbi seja frequentemente classificado por moradias de alto poder aquisitivo e grandes mansões, isso não se aplica por todo o espaço. Contrastando com a forma de ocupação concêntrica que caracterizou a urbanização de São Paulo até 1970, na qual a segregação socioespacial entre zonas centrais e periféricas crescia em forma anelada, o Morumbi foi ocupado simultaneamente por loteamentos de alto padrão e por favelas, a exemplo do Jardim Panorama (GOHN, 2010).

Todavia, nas áreas mais próximas do estádio, não observamos esse contraste crescente nas últimas décadas: mesmo que existam casas mais populares, as favelas não estão presentes no entorno imediato. Nesse viés, o bairro em que se encontra o estádio e seus arredores apresenta uma grande quantidade de casas de luxo, mansões e condomínios de alto padrão, além de estabelecimentos sofisticados, como bares e restaurantes. Algumas casas menos elitizadas até aparecem, mas em menor quantidade.

1.1.3 São Paulo - Morumbi: a nova estação da Linha Amarela

Inaugurada em 27 de outubro de 2018, a Estação São Paulo–Morumbi, integrante da Linha 4–Amarela do Metrô de São Paulo e operada pela concessionária ViaQuatro, está situada no encontro das avenidas Professor Francisco Morato, Jorge João Saad e Deputado Jacob Salvador Zveibil. Localiza-se na divisa entre os distritos do Morumbi e do Butantã, na Zona Oeste da cidade, em área próxima ao Estádio do Morumbi. Mesmo com um atraso de 10

anos, a entrega da estação foi um evento comemorado, sendo um desejo antigo dos moradores do distrito (DIÁRIO DE TRANSPORTE, 2018).

Com a ideia inicial de ser chamada apenas de Estação “Morumbi”, seu nome atual nos encaminha a entender a relação próxima do local com o time de futebol. De fato, por sua proximidade com o estádio, a criação da estação revolucionou os meios de acesso ao Morumbi, na medida em que agilizou o processo de deslocamento e possibilitou a ligação da região com inúmeros pontos da cidade, em um trajeto que, anteriormente, tinha apenas os ônibus como opção de transporte público disponível.

Tabela 1 - Médias de público do São Paulo como mandante no Morumbi por temporada nos últimos 10 anos

NÚMEROS GERAIS				
TEMPORADA	JOGOS	NORMAIS	PÚBLICO	MÉDIA
2024	32	32	1.458.857	45.589
2023	34	34	1.515.715	44.580
2022	38	38	1.245.901	32.787
2021	36	8	225.908	28.239
2020	33	5	137.616	27.523
2019	23	23	714.510	31.066
2018	31	31	916.532	29.566
2017	33	33	862.692	26.142
2016	33	33	647.950	19.635
2015	33	33	669.316	20.282
2014	32	32	707.383	22.106

Fonte: Serra, Michael / Arquivo Histórico João Farah, *São Paulo FC (2024)*.

Como é possível observar na Tabela 1, com exceção dos anos de 2020 e 2021, intervalo de tempo em que a média de público foi afetada pela pandemia da COVID-19, o estádio apresentou um considerável crescimento no número de público presente após à criação da estação de metrô, a qual passou a oferecer aos visitantes uma forma muito mais eficiente de chegar ao local.

Além de facilitar o deslocamento em dias de jogos e eventos no Estádio do Morumbi, a inauguração da estação também trouxe impactos significativos para a mobilidade urbana da região como um todo. Segundo Comin (2005), a disponibilidade de transporte coletivo constitui um elemento que amplia o mercado de trabalho e atua como um recurso essencial para o funcionamento da atividade comercial. A criação dessa estação mostra tal afirmação na prática, pois o acesso mais rápido e eficiente estimulou a valorização imobiliária dos arredores, fortaleceu o comércio local e ampliou a integração do bairro com outras áreas estratégicas da cidade. Dessa forma, a estação passou a representar não apenas um benefício

esportivo, mas também um marco de desenvolvimento urbano e social para a Zona Oeste paulistana, e uma das bases que, futuramente, fortaleceriam a propagação do circuito inferior durante os jogos.

1.2 Delimitação da área de estudo

1.2.1 Arredores do Estádio do Morumbi

Uma vez que, neste trabalho, delimitamos a área de estudo com a nomenclatura de “arredores do Estádio do Morumbi”, é necessário agora definir melhor o que queremos dizer com essa classificação.

Oficialmente, o Estádio Cícero Pompeu de Toledo localiza-se na Praça Roberto Gomes Pedrosa com a Avenida Jorge João Saad e a Avenida Giovanni Gronchi. As principais vias de acesso ao estádio são as avenidas Giovanni Gronchi, Morumbi, Padre Lebet, Jorge João Saad, Professor Francisco Morato, Tajurás e Engenheiro Oscar Americano, além das pontes Morumbi, Engenheiro Roberto Rossi Zuccolo (Cidade Jardim) e Eusébio Matoso (COMPANHIA DE ENGENHARIA DE TRÁFEGO, 2025a). A partir disso, percebe-se uma boa estrutura urbana para se chegar ao local.

Todavia, em função da elevada afluência de pessoas, da interrupção temporária de algumas avenidas, dos elevados custos de estacionamento e das preocupações inerentes à mobilidade, como trânsito, segurança e escoamento de pedestres, é notória a diminuição dos trajetos disponíveis, ocasionando uma concentração nas principais vias de acesso.

Em consequência, o espaço selecionado para a nossa análise corresponde à área por onde circula o maior fluxo de pessoas que se dirigem para assistir ao jogo, somado à concentração de atividades do circuito inferior voltadas a esse público: a avenida principal que liga a estação de metrô ao estádio, Avenida Jorge João Saad, e as demais avenidas que, emprestando o conceito da matemática, tangenciam o estádio. Também é importante destacar que, embora toda essa delimitação esteja dentro do distrito do Morumbi, nem toda ela se enquadra no bairro homônimo, uma vez que parte da avenida principal se encontra localizada no bairro Vila Progredior e o estádio no Jardim Leonor.

Nesse viés, como é possível observar na figura abaixo (ver figura 5), enquadram-se primordialmente as avenidas Jorge João Saad, Jules Rimet e Giovanni Gronchi. Posto isso, a Avenida Jorge João Saad tem grande importância neste estudo, uma vez que é a responsável pela ligação entre a estação de metrô São Paulo–Morumbi, meio de transporte utilizado pela

maior parte da torcida para chegar ao estádio⁵. Consequentemente, por receber o maior contingente de passageiros, é notório que uma parte do circuito inferior a utiliza para a realização do trabalho, mas isso não é exclusivo desse grupo. O circuito superior, neste caso, formado por grandes estabelecimentos como bares de luxo, restaurantes e demais prestadores de serviços, também aproveitam das condições causadas pelo jogo como uma relevante fonte de rendimento, sobretudo das pessoas que têm o hábito de ir ao distrito do Morumbi assistir ao jogo, mas não no estádio, e sim nos bares que se utilizam da temática para suprir essa demanda, oferecendo serviços como telões e televisores para transmissão da partida, capturando esse público.

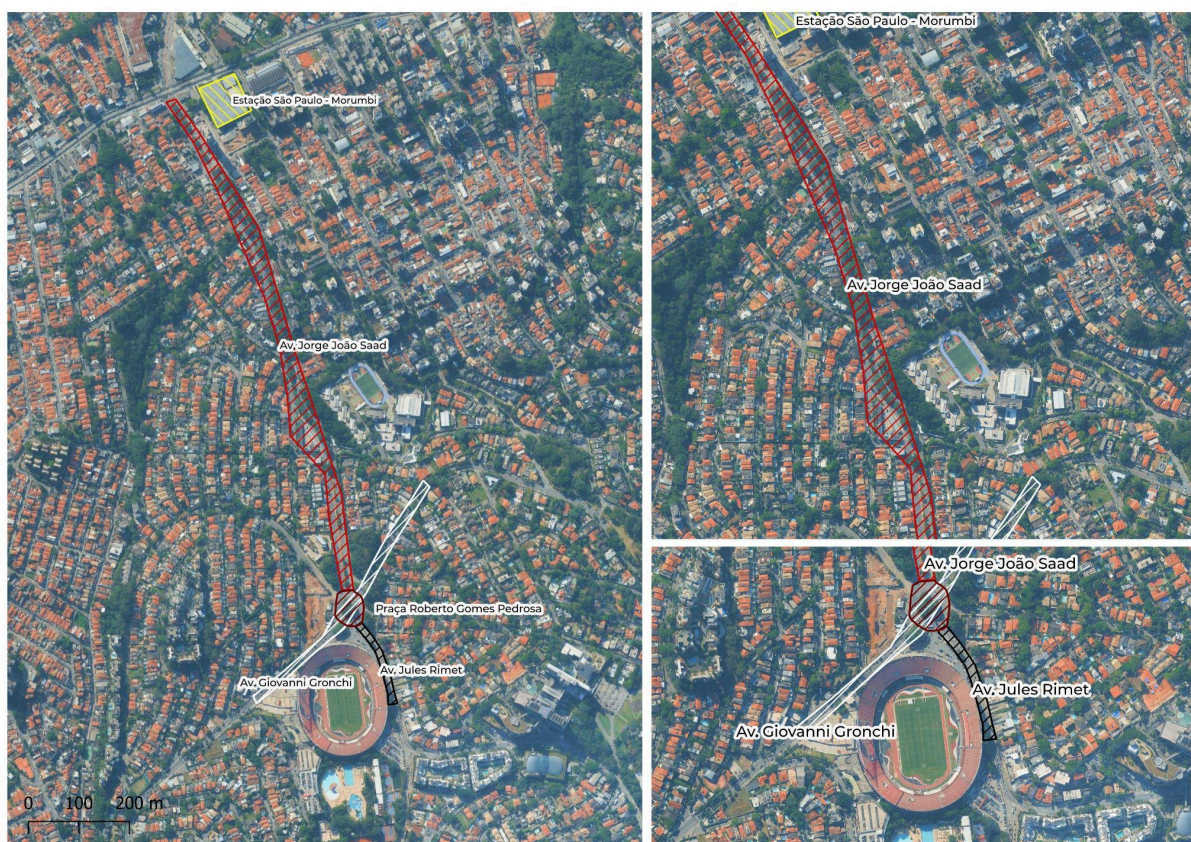


Figura 5 - Delimitação espacial das áreas de atuação do circuito inferior nos arredores do Estádio do Morumbi em dia de jogo

Fonte: autoria própria. Base cartográfica: Google Earth Pro (acessado em 2025).

⁵ Segundo dados divulgados à imprensa pela ViaQuatro, concessionária responsável pela Linha Amarela, em uma amostragem de quatro jogos ocorridos em janeiro e fevereiro, pelo Campeonato Paulista, estima-se que mais de 80% dos torcedores presentes no estádio utilizaram esse transporte público para se dirigir ao local

1.2.2 O papel da Companhia de Engenharia de Tráfego

Outro tópico que precisamos destacar logo de início é o papel da Companhia de Engenharia de Tráfego (CET) durante os jogos. A CET é responsável por planejar e implantar a operação do sistema viário para garantir segurança e fluidez no trânsito. Também promove a instalação de equipamentos urbanos, presta serviços e executa obras relacionadas ao tráfego, atuando em diversas áreas como engenharia de tráfego e fiscalização. Além disso, age em eventos de grande porte, como shows, corridas de rua e, obviamente, em jogos de futebol, por meio de bloqueios de ruas e avenidas, desvios e controle de tráfego, sendo essencial para o funcionamento do evento (CET, 2025a).

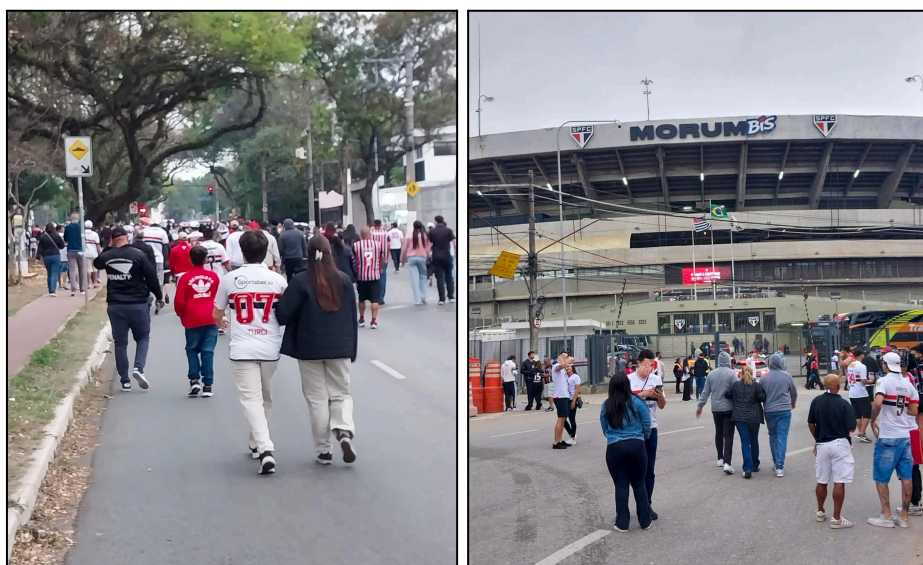
Apesar disso, suas ações não funcionam de maneira uniforme em todos os jogos, mas apresentam uma grande constância. Tal conclusão se deu a partir da análise de três partidas diferentes⁶, sendo duas realizadas no mês de agosto de 2025, enquanto a outra ocorreu em março do mesmo ano. No que se refere aos jogos do mês 8, eles se mostram um bom parâmetro, uma vez que representam os extremos de público participante: um jogo do time feminino que possui menor adesão do público (público previsto de 10.000 pessoas), enquanto o outro foi do time masculino em uma noite de Copa Libertadores da América, principal torneio de clubes do continente, reunindo a segunda maior concentração de torcedores do ano até o momento (público previsto de 55.000 pessoas) (CET, 2025b).

Somado a isso, também contrastam quanto ao dia e horário: o primeiro ocorreu em um sábado às 16h, enquanto o outro foi realizado em dia de semana, uma terça-feira, às 21h30. No jogo feminino, o bloqueio envolveu apenas as avenidas principais que dão acesso ao estádio (Jorge João Saad, Jules Rimet e Giovanni Gronchi) e a Praça Roberto Gomes Pedrosa, iniciando duas horas antes da partida. Já no jogo da Libertadores, a interdição foi mais ampla, incluindo ruas secundárias que cruzam as avenidas principais, iniciando cinco horas e meia antes da partida.

Ademais, a fim de esclarecer a questão do dia da semana, o jogo de março pelo Campeonato Brasileiro, com público estimado em 30.000 pessoas, também foi realizado em um sábado, como o do futebol feminino; entretanto, diferentemente deste, a área de interdição foi a mesma do jogo da Libertadores, com a exclusividade sendo o horário de início parcial do bloqueio: três horas e meia antes da partida (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 2025).

⁶ A análise foi feita com base nas informações fornecidas pela própria CET em boletins informativos, sendo comparadas a partir da observação em campo nessa mesma data.

Desse modo, entende-se que o planejamento da CET apresenta uma forte constância sobre o bloqueio dos trechos. Por regra, independente do jogo, as três principais avenidas que ligam o estádio ficam bloqueadas no sentido rumo ao estádio, podendo estender um pouco a restrição a depender da magnitude do evento. Sendo assim, compreende-se que as ações dessa companhia e o controle do espaço são essenciais para a existência e permanência desse circuito inferior específico de grandes eventos, uma vez que as avenidas se tornam o palco onde se alocam praticamente todos os vendedores, ambulantes e demais atores desse circuito.



Figuras 6 e 7 - Deslocamento de torcedores pela Avenida Jorge João Saad e pela Praça Roberto Gomes Pedrosa
Fonte: autoria própria (14 set. 2025).



Figura 8 - Torcedores e o circuito inferior na Av. Giovanni Gronchi
Fonte: autoria própria (14 set. 2025).

CAPÍTULO 2

A ADAPTAÇÃO DO MEIO AMBIENTE CONSTRUÍDO DURANTE UM DIA DE JOGO

No Capítulo 1, tivemos como objetivo principal a contextualização espacial da área de estudo, justificando os critérios que fundamentaram tal delimitação. Nesse processo, a concentração de atividades do circuito inferior revelou-se como o elemento determinante para a definição adotada, legitimando a nomenclatura inicial de “arredores do Estádio do Morumbi”. Todavia, para a continuidade da análise, discutiremos uma nova conceitualização para esse recorte espacial. Assim, no Capítulo 2, defendemos que, durante um dia de jogo, evento específico neste estudo, ocorre a adaptação por parte dos trabalhadores do espaço urbano, incorporando características próprias e temporárias nesse intervalo de tempo, distintas daquelas observadas na mesma área durante o resto da semana. Cria-se assim uma nova paisagem urbana de caráter efêmero por sua curta duração de uma parte do dia.

Conforme Santos (1988), o espaço geográfico pode ser entendido como o resultado da articulação entre a configuração territorial e a dinâmica social. Assim, a constituição do espaço é dada pela junção dos elementos naturais e artificiais, em uma gama de variáveis econômicas, políticas, sociais e culturais que, em cada momento histórico, dão uma significação e um valor específico ao espaço criado pela sociedade.

Por mais, o espaço não se restringe ao dado natural, mas traduz uma dimensão social e histórica, marcada tanto pela materialidade técnica quanto pelas práticas que nele se realizam. Escolhemos aqui a ideia de meio ambiente construído para enfatizar a importância da materialidade para os agentes do circuito inferior.

Durante os processos produtivos dos diferentes atores e em virtude do cotidiano diferente das pessoas, o meio ambiente construído é atravessado por tempos rápidos dominantes ou tempos hegemônicos e tempos mais lentos hegemônicos, temporalidades diferentes que, entretanto, são concomitantes e convergentes. A paisagem possui existência material independente, como conjunto de coisas historicamente datadas: casas, espaços construídos e vazios, ligados por artérias e servidos por dutos de diferente extensão, largura, capacidade e direção. Esse depósito de meios infraestruturais justapostos, e mesmo sobrepostos, acaba por impor aos atores da cena urbana uma temporalidade própria, a temporalidade do trabalho morto (SANTOS, 2012 [1994], p. 95-96).

Dessa forma, o meio ambiente construído expressa usos sociais específicos, que se manifestam em determinados contextos temporais e espaciais. No caso dos arredores do Estádio do Morumbi, é possível observar que, em dias de jogo, esse processo adquire intensidade particular: as infraestruturas urbanas, as avenidas e calçadas, os ajustes no trânsito, a presença do comércio de rua e a circulação dos torcedores confirmam uma

espacialidade distinta daquela vivenciada no bairro em outros momentos, podendo-se analisar cada um desses elementos de forma separada.

2.1 Involução metropolitana e circuito inferior

Como visto anteriormente na introdução, no processo cíclico do capitalismo, a constante busca por lucro e acumulação de capital levam à criação de novas tecnologias que visam um aumento da produtividade, por meio da diminuição do tempo gasto para a produção da mercadoria, e dos custos de produção (SANTOS, 1979). Nesse contexto, ao mesmo tempo em que há uma modernização das atividades, há também uma expansão da pobreza, já que tais mudanças vêm acompanhadas de um processo de demissão em massa ou da expansão do número de empregos mal-remunerados. Daí, identifica-se uma verdadeira involução metropolitana (SANTOS, 1994), uma vez que existe crescimento econômico, mas ele é paralelo à baixa do crescimento médio e ao aumento da concentração de capital.

Ao mesmo tempo que há uma modernização das atividades, há, também, como já vimos, uma expansão da pobreza. Daí identificamos uma verdadeira 'involução metropolitana' já que, de um lado, existe crescimento, mas este é paralelo à baixa do rendimento médio e à expansão do número de empregos mal remunerados com as correspondentes condições de vida. A adaptação da economia a essa 'involução metropolitana' caracteriza-se por uma proliferação de atividades com os mais diferentes níveis de capital, trabalho, organização e tecnologia, menores que no setor moderno, que surgem como uma forma de suprir a demanda de empregos e serviços provocada por aquela modernização e que a economia monopolista não consegue atender. (SANTOS, 2012 [1994], p. 92).

Essa redução de empregos, no entanto, leva à criação de novos trabalhos, que surgem como forma de suprir novas demandas e necessidades, funcionando também como meio de sobrevivência para parcelas cada vez maiores da população.

Ambos contribuem para a criação de uma demanda de empregos e serviços que, não podendo ser atendida pelo setor moderno, provoca o surgimento de uma série de atividades de menor capital, porém capaz de absorver a porcentagem da população “marginalizada”. Desenvolve-se uma grande e variada classe média e pobre que ocasiona o aumento e a diversificação do consumo. Este, por sua vez, exigirá, para o seu atendimento, uma diversificação da produção, com a proliferação de uma gama variada de empresas e estabelecimento de diferentes tamanhos dedicados à produção de um mesmo bem ou serviço, mas com base em condições técnicas, financeiras e organizacionais as mais diversas. A isso pode-se chamar de “segmentação da economia urbana”, resposta sistêmica à “involução metropolitana” (SANTOS, 2012 [1994], p. 92).

Desse modo, a modernização das atividades ocorre simultaneamente à expansão de formas econômicas menos modernas, que abrigam a população mais pobre, possibilitando a

existência de um circuito econômico constituído por iniciativas de pequeno porte, diferenciado daqueles que comandam a economia. Desse cenário, o circuito inferior ganha suas bases de formação, com características próprias que se replicam em diferentes espaços e níveis de complexidade. A presença e a expansão do circuito inferior da economia urbana residem na capacidade do meio construído em abrigar situações mais ou menos geradoras de lucro (MONTENEGRO, 2006, p. 106), criando uma relação direta entre permanência e ocorrência.

A partir disso, mesmo que, em termos gerais, haja similaridade, o circuito inferior apresenta particularidades em cada localidade, uma vez que o meio ambiente construído interfere diretamente em aspectos do seu funcionamento. Assim, quanto mais extensa e mais populosa a cidade, como no caso de São Paulo, maior é a tendência que nela se encontre um maior número de frações de aglomerações dotadas de características próprias (SANTOS, 1994). Ademais, ainda para o autor:

“[...] o mercado que autoriza a presença simultânea na cidade, sobretudo e mais claramente na grande cidade, de tantas formas de realização econômica diferentes e até contrastantes. As diferenças de renda, o tamanho da cidades e as dificuldades de acessibilidade tornam possível que diversas formas de produção, de circulação, de distribuição e consumo se deem paralelamente, com a presença simultânea, em diversos ramos produtivos, de empresas hegemônicas e de toda uma gama variável segundo a circulações de empresas não hegemônicas.” (SANTOS, 2012 [1994], p. 98).

Sendo assim, os arredores do Estádio do Morumbi, enquanto meio ambiente construído adaptado e modificado, apresentam um conjunto de especificidades próprias de consumo, circulação e distribuição de mercadorias que possibilitam a existência do circuito inferior que atende não somente uma clientela do distrito Morumbi, mas sim um fluxo elevado de pessoas vindo de diversas localidades da Região Metropolitana de São Paulo, e de diferentes classes sociais, sendo essa a principal característica distintiva neste estudo. A readequação das formas, as novas funções, o elevado fluxo e a pluralidade de alterações no espaço geográfico também são fatores determinantes para a criação desse mercado específico, fazendo com que seja necessária uma breve análise.

2.2 Adequação das formas espaciais

Durante as observações iniciais realizadas no local de estudo, ainda nas primeiras etapas de elaboração deste trabalho, foi possível perceber uma significativa adaptação do espaço geográfico para atender especificamente ao evento social que é uma partida de futebol. As estruturas existentes são reorganizadas de modo a viabilizar o jogo, por meio de uma

logística capaz de assegurar segurança, agilidade e funcionalidade diante do intenso fluxo de pessoas que circulam por aquela localidade em um curto espaço de tempo. Tomando como dado a média de público do Campeonato Brasileiro de 2025, estima-se que mais de 38 mil pessoas dirigem-se ao Estádio do Morumbi em dia de jogo (MANIAUDET; SILVA, 2025).

Segundo Milton Santos (2008 [1985], p. 67-69), para compreender o espaço é necessário analisar sua relação intrínseca com a sociedade, uma vez que esta orienta a leitura dos efeitos do processo (tempo e mudança) e especifica as noções de forma, função e estrutura, categorias indispensáveis ao estudo geográfico. Para o autor, entende-se por forma o aspecto visível do objeto, ou seja, a ordenação dos elementos em um padrão que possibilita sua nomeação. A função, nesse viés, se relaciona diretamente com a forma, uma vez que é definida como a tarefa ou atividade esperada dela. A estrutura seria a inter-relação do todo como um modo de organização. Já o processo se caracteriza como a ação em curso, desenvolvida no tempo, capaz de gerar transformações. Por fim, é essencial entender que esses quatro elementos precisam ser considerados em conjunto, não funcionando uma análise de forma separada, o que inviabiliza a explicação de um conceito sob a ótica exclusiva de apenas um deles.

Por conseguinte, neste trabalho também compreendemos o espaço como uma totalidade resultante da interação entre os fixos — elementos materiais como construções, vias e infraestruturas — e os fluxos, que correspondem à circulação de pessoas, mercadorias e informações. Essa relação dinâmica faz com que ambos se modifiquem mutuamente. O espaço é capaz de reunir objetos de diferentes períodos históricos, os quais podem ser ressignificados e incorporados a novas funções sociais no presente. (SANTOS, 1985).

Assim, aplicando tais conceitos a um contexto que melhor se enquadra ao nosso estudo, podemos analisar como exemplo o papel de uma avenida, um dos elementos centrais da nossa área de investigação. À luz disso, a forma desse componente da paisagem pode sofrer pequenas variações dependendo da sua localização, a fim de se adequar às dinâmicas espaciais de determinado local, como aspectos do relevo, condições climáticas ou fatores sociais, como cultura e planejamento urbano. Igualmente, uma vez que a imagem de um objeto passa pela subjetividade, as pessoas, de forma geral, enxergam os elementos materiais da realidade de maneira distinta, trazendo diferentes percepções (SANTOS, 2021 [1988], p. 68). Todavia, mesmo considerando essas diferenças, na maioria dos casos a forma de uma avenida não muda drasticamente em nenhum lugar do país, o que facilita a criação de um imaginário coletivo acerca do aspecto visível dessa construção humana.

Seguindo essa mesma lógica, a função primordial de uma avenida abre ainda menos margem para diversificações, uma vez que é consenso sua ação como possibilitadora da dinâmica de fluxo de pedestres e, principalmente, de veículos em áreas urbanas.

Entretanto, é preciso compreender que esses componentes essenciais para compreender o espaço não são estáticos (SANTOS, 2008 [1985], p. 73). Nesse sentido, mesmo com a manutenção da forma, por exemplo, a função pode ganhar novos significados ao longo de um processo ou com o decorrer do tempo. Entre outros motivos, isso ocorre porque a função é definida por fatores sociais, podendo se transformar em situações nas quais a sociedade muda ou quando surge a necessidade de adaptar um elemento fixo - nesse caso, a forma - a uma outra dinâmica que corresponda aos objetivos almejados.

No recorte espacial deste trabalho, percebe-se que, em dias de jogos, as avenidas próximas ao estádio adquirem funções distintas das cotidianas. Embora continuem possibilitando a circulação de pedestres, há modificações evidentes: a passagem de veículos é temporariamente interrompida e o destino dos fluxos deixa de se orientar principalmente ao deslocamento para casa ou trabalho, voltando-se ao lazer. Soma-se a isso o surgimento de uma nova função, motivada por uma necessidade social: a transformação da avenida em espaço propício à comercialização de mercadorias para um grande contingente de pessoas, condição essencial para o funcionamento do circuito inferior da economia urbana em eventos dessa magnitude. Assim, não sendo viável construir uma forma específica para atender a um público que se concentra apenas em dias pontuais, a avenida é resignificada e adaptada a desempenhar esse novo papel.

Em razão disso, tal situação possibilita que o circuito inferior tenha ferramentas para se expandir e se viabilizar, sobretudo no que se refere à organização espacial das pessoas e das atividades. “A concentração dos fluxos e das massas assim como das atividades do circuito inferior estão, deste modo, estreitamente relacionadas às possibilidades oferecidas pelo meio ambiente construído” (MONTENEGRO, 2006, p. 125). Nesse viés, é criado um espaço em que os trabalhadores conseguem exercer seus objetivos em um ambiente adequado às suas necessidades. O público, ainda que não tenha a obrigação de consumir desses terceiros para aproveitar o espetáculo principal, encontra neles um complemento que qualifica e amplia sua experiência.

Somado a isso, essa criação temporária de uma nova paisagem urbana mostra-se como de grande relevância ao setor comercial do circuito inferior. O ambiente descontraído, o elevado fluxo de pessoas com o mesmo objetivo e o sentimento de pertencimento - seja pelo clube do coração, pelo uniforme ou pelo consumo coletivo - estimulam uma necessidade

indireta de consumir, reforçando a importância dessas dinâmicas para a configuração espacial observada.

2.3 A paisagem enquanto geradora de consumo

Na obra “O Espaço Dividido”, Santos aborda o quanto é importante a criação e a manutenção de uma necessidade de consumo nas pessoas para que a economia continue crescendo. Quando pensamos no ciclo da economia e no modo como os bens e serviços circulam na sociedade, esse pensamento se torna óbvio, uma vez que todas as etapas são interligadas, sendo as três primeiras (produção, distribuição e circulação) os meios para se chegar na etapa final geradora de lucro: o consumo.

Para isso, inúmeras abordagens são utilizadas, sendo a propaganda uma das principais ferramentas para a criação da necessidade de consumo nas pessoas. Seja por meio da televisão, com necessidades sendo estimuladas de forma indireta em filmes e novelas, ou de modo direto em comerciais, seja pela internet, que nos últimos anos encontrou nas redes sociais um meio ainda mais eficaz de divulgar produtos e serviços e de despertar desejos. Vivemos em uma sociedade que reforça constantemente a ideia de que é preciso consumir.

Assim sendo, quando se fala de economia, o consumo é essencial, conseqüentemente, a propaganda também é essencial, fazendo com que ela ocorra tanto no circuito superior quanto no circuito inferior. Aqui, é preciso reforçar um ponto já mencionado: as ideias em torno da teoria dos dois circuitos da economia urbana foram formuladas em um período histórico diferente do atual, sendo, portanto, necessário um olhar mais crítico em alguns momentos, adequando-as ao contexto contemporâneo. Assim, mesmo que Santos afirme que a publicidade no circuito inferior não é necessária, devido ao contato direto com a clientela e à baixa margem de lucro para investir nela (SANTOS, 2008 [1979], p. 46), as tecnologias modernas e as facilidades proporcionadas pelas redes sociais permitem que, hoje, o circuito inferior também possa se valer desse recurso.

Montenegro, em sua dissertação de mestrado, traz alguns pontos que ajudam na discussão:

A publicidade, por sua vez, encontra-se, com efeito, difundida entre as mais diferentes atividades do circuito inferior nas áreas analisadas. A grande maioria dos pequenos estabelecimentos realiza algum tipo de publicidade, suas formas sendo as mais variadas. Embora folhetos, cartões e o “boca a boca” sejam as formas predominantes; faixas, banners, placas, cartazes, anúncios em listas telefônicas, em guias, jornais e revistas especializadas e mesmo sites na Internet são crescentemente utilizados como formas de propaganda pelos agentes desse circuito. A maior parte

das publicidades é produzida pelo próprio estabelecimento ou em conjunto entre este e uma gráfica. Não obstante, o “boca a boca” segue como a principal forma de publicidade da qual se vale o circuito inferior (MONTENEGRO, 2006, p. 158).

Atualizando a análise para a realidade contemporânea, observa-se que recursos como *status* e *stories* em aplicativos como WhatsApp e Instagram também se configuram como veículos de comunicação nos quais a propaganda está presente, com um custo praticamente nulo (FOSSALUZA, 2025). Desse modo, a publicidade mostra-se uma ferramenta relevante também para o circuito inferior.

Todavia, no circuito inferior presente na área de estudo, a publicidade revela-se ineficiente e pouco proveitosa, uma vez que o fluxo de consumidores, variável e numeroso, típico de estádio, torna desnecessário e pouco proveitoso esse tipo de marketing. Logo, faz-se essencial compreender outras formas de despertar esse interesse de compra.

A partir disso, por meio das observações realizadas em campo, foi possível identificar a geração de uma necessidade de consumo influenciada não pela publicidade, mas pela paisagem. Para isso, concordamos aqui com a visão defendida por Almeida:

A paisagem carrega uma enorme quantidade de informações que nos permite elucidar fenômenos sociais e estruturas de poder presentes em um lugar. Lembrando que os elementos simbólicos na paisagem estão além dos elementos visuais, as construções e pinturas, podendo ser observados através de elementos ritualísticos, cânticos e toda mensagem ou tradição que possam ser expressas (ALMEIDA, 2021, p. 5).

Somado a isso, também entendemos a paisagem como um veículo concreto, visual, de sutil e gradual persuasão (DUNCAN, 1973, *apud* ALMEIDA, 2021, p. 4), sendo assim, capaz de gerar sentimentos e desejos em quem a observa.

Nesse sentido, as anotações de campo permitem levantar a hipótese de que, para algumas pessoas, a paisagem nos arredores do Morumbi — transformada nos dias de jogo, caracterizada pela presença de barracas e ambulantes espalhados, pelo grande número de torcedores uniformizados e identificados por um mesmo objetivo, pelo consumo ao longo do trajeto até o estádio, pelos cânticos e pelo próprio evento principal — contribui para o surgimento desse desejo de consumir, seja de alimentos, bebidas ou produtos do time, como camisas, gorros e outros artigos.

Ademais, também concordamos com outra ideia levantada por Almeida:

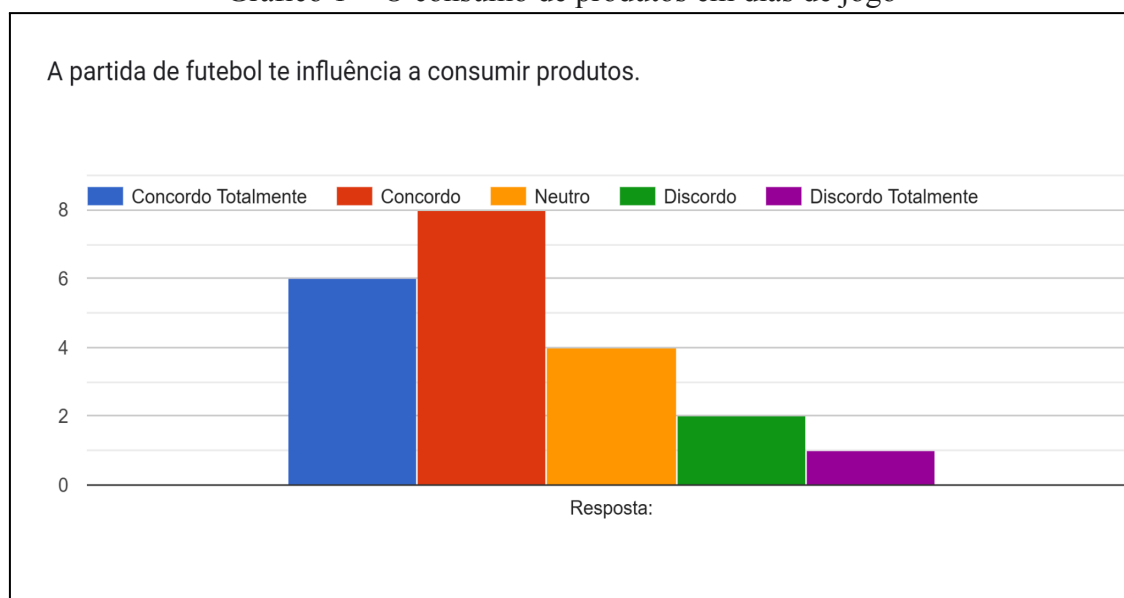
Duncan et al (2001) defendem o trabalho de campo e as entrevistas, tanto questionários com questões abertas, como forma de apreender as noções e as sensações que os habitantes têm sobre a paisagem e suas narrativas, pois são eles

que interpretam e, de certa forma, contribuem para a produção simbólica da paisagem (ALMEIDA, 2021, p. 7)

A partir dessa perspectiva, foi elaborado um questionário (ver Anexo 2) com o objetivo de compreender a opinião de torcedores são-paulinos sobre o tema, bem como suas experiências durante as visitas ao estádio, procurando identificar possíveis influências da paisagem sobre o comportamento de consumo.

Em uma pesquisa on-line realizada com 21 torcedores, foi possível compreender que, para esse grupo, a própria partida de futebol, o evento principal da noite, exerce maior influência sobre o consumo do que a paisagem em si (gráfico 1).

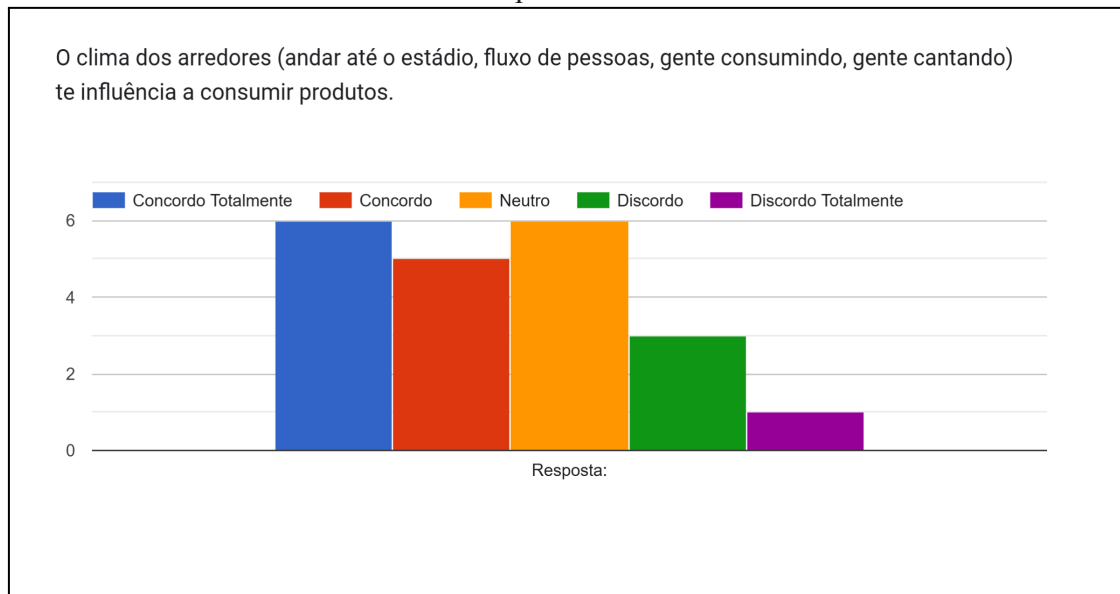
Gráfico 1 - O consumo de produtos em dias de jogo



Fonte: elaborada pelo autor com base em pesquisa realizada via Forms (2025).

Entre as respostas, destacaram-se aquelas que indicavam que a vontade de consumir está relacionada à partida e ao seu resultado: a vitória do time tende a favorecer o consumo, enquanto a derrota provoca o efeito contrário, fazendo com que muitos torcedores se encaminhem diretamente para casa. Outro ponto frequentemente mencionado, sobretudo pelos frequentadores mais assíduos, foi o planejamento prévio da chegada aos arredores do estádio, com o intuito de consumir alimentos nas barracas e aproveitar o ambiente antes do início do jogo.

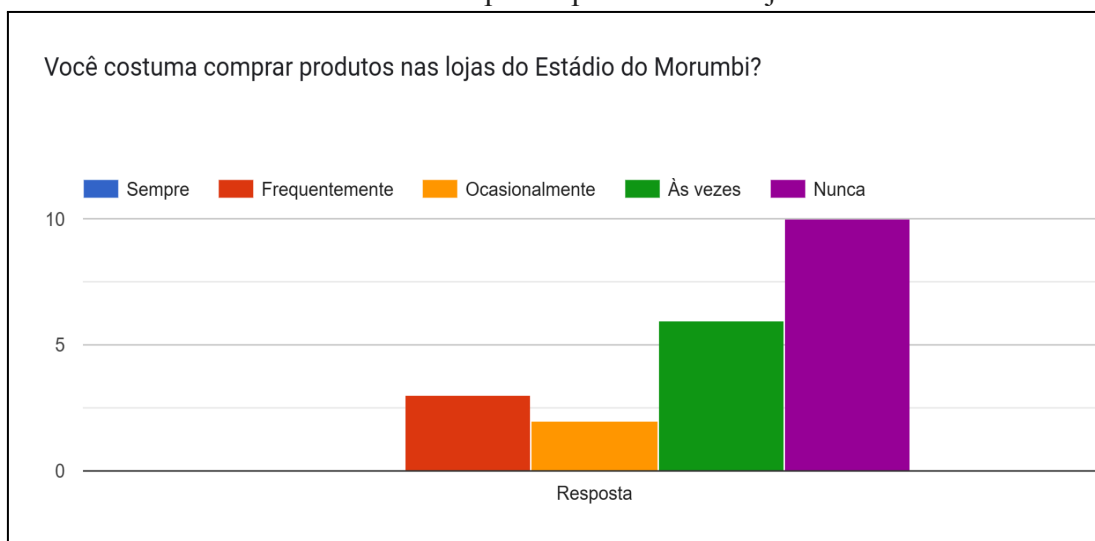
Gráfico 2 - O consumo de produtos nos arredores do estádio



Fonte: elaborado pelo autor com base em pesquisa realizada via Forms (2025).

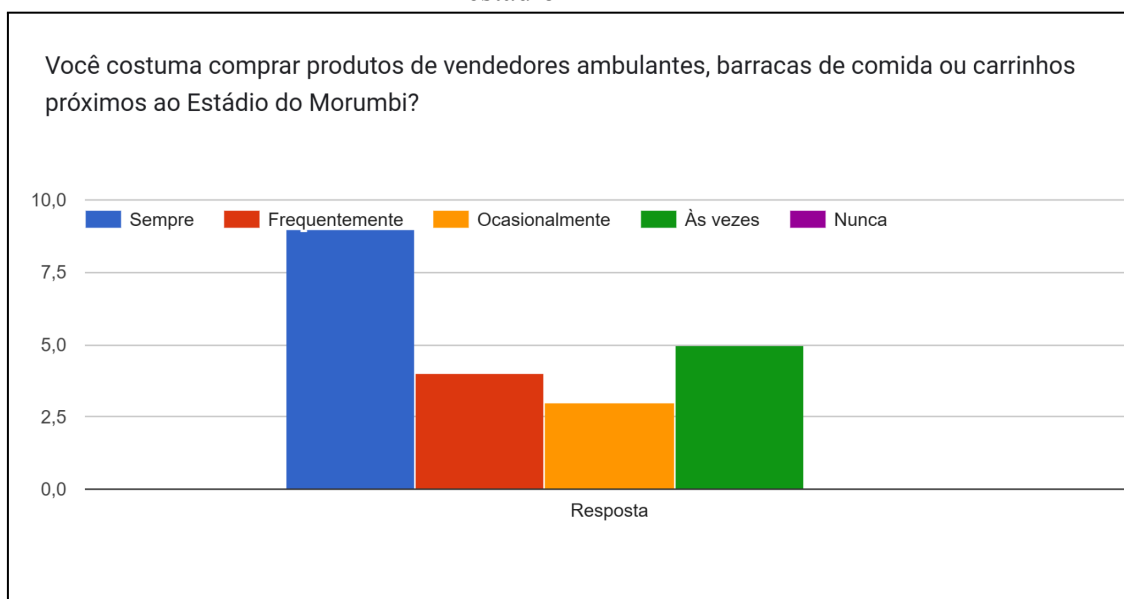
Por outro lado, ainda que em menor número, houve participantes que concordaram com a hipótese inicial, afirmando sentir-se influenciados pela paisagem nos arredores do estádio (ver Gráfico 2). Entre as respostas, alguns destacaram que, caso não passassem por esse percurso, dificilmente consumiriam algum produto; contudo, a constante oferta de alimentos e mercadorias ao longo do trajeto acaba por despertar o desejo de consumo em muitos deles.

Gráfico 3 - Compra de produtos nas lojas do estádio



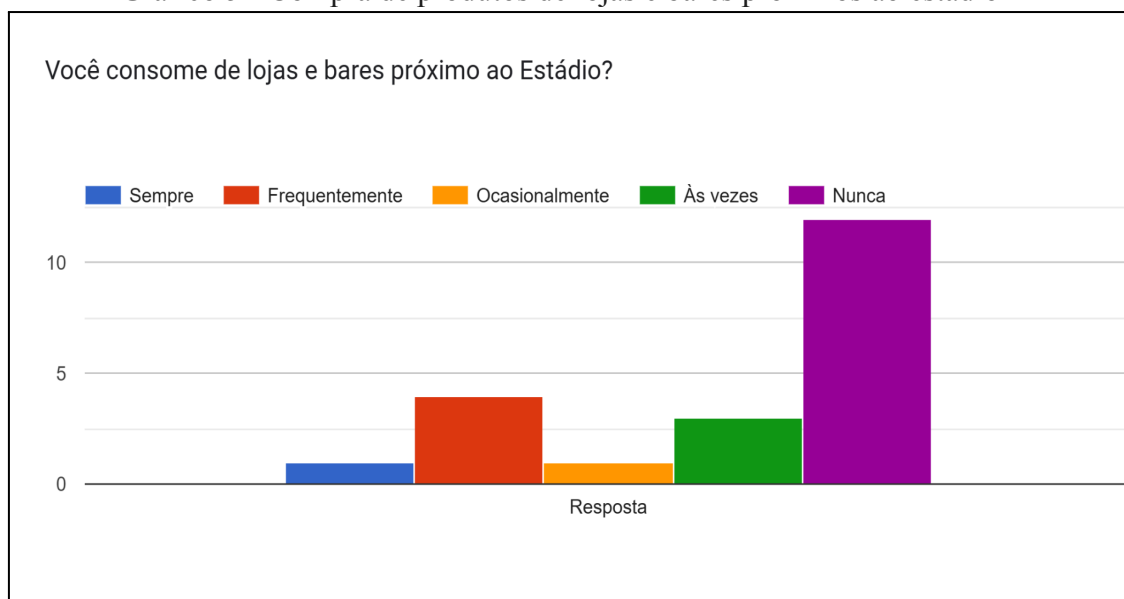
Fonte: elaborado pelo autor com base em pesquisa realizada via Forms (2025).

Gráfico 4 - Compra de produtos de trabalhadores do circuito inferior próximo ao estádio



Fonte: elaborado pelo autor com base em pesquisa realizada via Forms (2025).

Gráfico 5 - Compra de produtos de lojas e bares próximos ao estádio



Fonte: elaborado pelo autor com base em pesquisa realizada via Forms (2025).

Por fim, nessa pesquisa, também foi constatado que o consumo no circuito inferior, entre os participantes, ocorre de forma mais significativa, quando comparado ao circuito superior, representados aqui pelos produtos vendidos no próprio estádio e nos estabelecimentos próximos a ele (gráficos 3, 4 e 5). Entre os principais motivos apontados, destacam-se a diferença de valores praticados, no caso dos produtos do estádio, e a maior facilidade de acesso e oferta durante o percurso, no caso dos ambulantes.

Uma vez obtidos os dados por meio da pesquisa realizada de forma online, também sentimos a necessidade de coletar essas informações em campo, por meio de perguntas aos consumidores presentes na nossa área de estudo durante um dia de jogo. Assim, com base no questionário-online, obtivemos informações muito parecidas, mantendo a constatação de que a partida de futebol ocasiona mais a necessidade de consumo do que a influência da paisagem; de qualquer modo, para muitas pessoas, ela também incentiva a compra de algum produto.

2.4 A pulverização das atividades

A integração de todos os elementos discutidos nos tópicos anteriores colabora no entendimento do meio ambiente construído e explica as razões de sua importância. Nesse contexto, o circuito inferior da economia encontra um espaço que lhe permite atuar e alcançar seus objetivos. É importante destacar, contudo, um ponto essencial para nossa análise: embora ao longo deste trabalho o circuito inferior apareça frequentemente associado ao comércio, sua abrangência é maior. Como visto anteriormente, esse circuito compreende todas as atividades econômicas de pequena escala, baseadas em baixo uso de tecnologia, voltadas à sobrevivência e regidas por dinâmicas próprias. Dessa forma, práticas como o trabalho doméstico, a produção artesanal e a prestação de serviços diversos – que não se limitam à comercialização de mercadorias – também fazem parte desse circuito. No entanto, na área de estudo aqui analisada, o circuito inferior manifesta-se predominantemente por meio do comércio, havendo apenas exceções pontuais, como o pequeno número de pessoas que atuam como “flanelinhas”.⁷

A explicação para essa característica não foge da obviedade, uma vez que o curto intervalo de tempo de um evento futebolístico não viabiliza a prestação de outros serviços. Outra explicação para a predominância do comércio é o fato de que, para entrar nessa atividade, só se tem necessidade de uma pequena soma de dinheiro, podendo se apelar para o crédito pessoal (empréstimos) de dinheiro ou mercadoria, não sendo necessário ter experiência prévia (SANTOS, 1979).

Assim, durante uma partida de futebol, o comércio é realizado por um número muito grande de pessoas, uma verdadeira “pulverização de atividades⁸” que se concentra na venda de mercadorias, principalmente alimentos e bebidas, além de acessórios e roupas temáticas do

⁷ Um flanelinha (ou arrumador) é um indivíduo, geralmente não regulamentado, que cobra para guardar, limpar ou proteger um veículo na via pública.

⁸ Nomenclatura utilizada para descrever uma grande quantidade de comércios e serviços típicos do circuito inferior (SANTOS, 2008 [1979], p.213)

time mandante. Entretanto, ainda que ocorra essa pluralidade de comércios, entendemos o conjunto todo como um só mercado:

“Trata-se, pois — é bom repetir — de um mercado único, onde concorrência e complementaridade se dão paralelamente, e cuja segmentação não lhe retira a característica de ser um único mercado, de cujas particularidades e funcionamento depende a possibilidade da existência simultânea, em um mesmo lugar, de tantos circuitos produtivos diferentes, e até funcionalmente contrastantes, que esse mercado único coordena. A cidade, como meio ambiente construído, como um conjunto de ecologias específicas, é tanto a condição de uma divisão do trabalho que acolhe todos os tipos de capital como a condição de uma cooperação entre empresas e pessoas, forma de socialização que é a base da convivência forçada entre atores diversos e de conflitos abertos ou latentes.” (SANTOS, 2012 [1994], p. 101)

Em vista disso, esse mercado do circuito inferior é completamente rico de informações e características próprias, que tanto dialogam com a teoria, quanto a complementa com novas informações. Portanto, aspectos como infraestrutura, logística, relação com o circuito superior, Estado e demais agentes econômicos precisam ser melhor detalhados, fazendo com que, agora, seja necessário uma análise mais detalhada dos dados coletados em campo.

CAPÍTULO 3

O CIRCUITO INFERIOR EM DIA DE JOGO NO ESTÁDIO DO MORUMBI

O intuito deste capítulo é retratar os agentes, as categorias, a estrutura e o funcionamento do circuito inferior que se concentra nos arredores do Estádio do Morumbi em dias de jogo, buscando entender as especificidades e as características próprias presentes nesse espaço. Os dados que aqui serão discutidos foram coletados por meio de um questionário semiestruturado (Anexo 1) com 21 trabalhadores espalhados por toda a área delimitada no capítulo 1. É importante ressaltar que os entrevistados foram os proprietários ou responsáveis pelo ponto de comércio. Dessa forma, ainda que as entrevistas tenham sido realizadas com os responsáveis, também foi possível obter algumas informações sobre seus colaboradores, quando estes não atuam sozinhos. Assim, embora o número de entrevistados tenha sido de 21, o total de trabalhadores representados na pesquisa chega a aproximadamente 50.

Além da aplicação do questionário, os trabalhos de campo que serviram como base para este trabalho também tiveram o objetivo de descrever e observar todo o procedimento que acontece em um dia de jogo, isto é, da montagem das barracas pelos trabalhadores até a desmontagem, observando de fora todas as etapas: o fluxo das pessoas, o consumo, a preparação e as pausas.

Paralelamente, as observações em campo buscaram compreender de que forma o referencial teórico, especialmente considerando a proposta de Milton Santos, e as respostas obtidas no questionário dialogavam com a paisagem observada, sempre com o propósito de estabelecer aproximações entre a teoria e a realidade empírica.

3.1 Classificação e distribuição do circuito inferior pelo espaço

Para podermos dar continuidade ao desenvolvimento das características do circuito inferior, há, primeiro, a necessidade de classificarmos os agentes, na figura dos trabalhadores, que protagonizam nosso estudo. Para isso, buscamos entender o que outras bibliografias debatem sobre a classificação do comércio de rua, uma vez que a definição de termos como vendedores de rua, ambulantes e camelôs não são tratados como unanimidade.

Em Bertolucci (2003), o critério adotado para diferenciar os conceitos é a mobilidade espacial do vendedor. Assim, os camelôs são aqueles que apresentam um ponto fixo, trabalhando em barracas não móveis. Já os ambulantes são os que não ficam fixos em determinado local, locomovendo-se pelo espaço.

Santos (2008 [1979] p. 218) também trabalha a diferença entre ambulantes e vendedores de rua. Sendo os ambulantes aqueles que possuem capital próprio e atuam nas grandes cidades, enquanto os vendedores de rua são aqueles que trabalham com mercadorias fornecidas a crédito pelos comerciantes.

Montessoro (2006, *apud* KITAMURA; MIRANDA; RIBEIRO FILHO, 2007, p. 3) defende que os camelôs são aqueles que possuem um ponto estratégico para desenvolver suas atividades, enquanto os ambulantes precisam se locomover para realizar suas vendas.

Pensando na nossa área de estudo, a Lei nº 11.039, de 23 de agosto de 1991 da cidade de São Paulo incorpora a discussão:

Considera-se Vendedor ou Prestador de Serviços nas vias e logradouros públicos, reconhecido como AMBULANTE, a pessoa física civilmente capaz, que exerça atividade lícita por conta própria ou mediante relação de emprego, desde que devidamente autorizado pelo Poder Público competente (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 1991).

Ainda segundo a legislação, os ambulantes são classificados como “efetivos”, “do ponto móvel” e “do ponto fixo”. Efetivos são os ambulantes que exercem sua atividade carregando junto ao corpo sua mercadoria ou equipamento e em circulação. De ponto móvel são os ambulantes que exercem sua atividade com o auxílio de veículos automotores ou não, ou de equipamentos desmontáveis e removíveis, parando em locais permitidos de vias e logradouros públicos. Por fim, de ponto fixo são os ambulantes que exercem sua atividade em barracas não removíveis, em locais previamente designados de vias e logradouros públicos.

A partir dessas diferentes bibliografias, nota-se que, apesar de não existir um consenso quanto às nomenclaturas, há uma variável que se mostra presente em todas: a questão da mobilidade dos serviços. Logo, para chegarmos às nossas categorias, levamos em consideração justamente esse aspecto e não necessariamente a nomenclatura dada ao trabalhador.

Entre os agentes do nosso estudo, vendedores de rua, ambulantes e camelôs, foi possível identificar três categorias: circulantes, ponto móvel e ponto fixo.

Os circulantes são os trabalhadores que não permanecem necessariamente em uma localidade durante todo o tempo do evento. São aqueles que possuem como ferramentas de

trabalho carrinhos de mão, isopores, tabuleiros, suportes, mesas dobráveis e varais⁹. Definitivamente, é o que apresenta maior liberdade de movimentação, caso seja necessário.

Outro ponto característico dos circulantes é o fato de esse grupo englobar a maior diversidade de produtos vendidos. Mesmo com o predomínio de produtos alimentícios, encontra-se aqui uma grande variedade de itens de vestuário, além de produtos específicos como capas de chuva, bandeiras, tabaco e cigarros eletrônicos.

Os pontos móveis se caracterizam por serem barracas pequenas e desmontáveis ou veículos como food trucks. Apesar de apresentarem uma estrutura mais robusta, em comparação com os circulantes, ainda possuem certa mobilidade, sobretudo para evitar a fiscalização estatal. A maior parte dos pontos móveis focam seus serviços apenas na venda de produtos alimentícios.

Por fim, os pontos fixos se caracterizam por serem barracas e estruturas maiores, com mais funcionários, e com uma infraestrutura capaz de abrigar mais clientes. O grande diferencial aqui, além do tamanho e complexidade, é justamente serem pontos não removíveis. A maior parte dos pontos fixos focam seus serviços apenas na venda de produtos alimentícios.

Outra informação que precisa ser trabalhada é a de que o ponto fixo também engloba outras infraestruturas, não apenas o das barracas e tendas. Durante os trabalhos de campo, foi possível observar que um pequeno número de moradores utiliza a própria casa para promover atividades do circuito inferior, seja utilizando a garagem pessoal para a alocação de outros carros, seja transformando o espaço em um local de venda de produtos. Identificamos assim um ponto fixo residencial.

Nesse viés, a classificação da categoria acima torna necessária uma discussão ainda não abordada neste trabalho. Para Santos (1979), é possível dividir o circuito inferior em duas categorias: o circuito inferior residencial e o circuito inferior comercial.

Até então, neste trabalho, discutiu-se apenas a segunda categoria, uma vez que o circuito inferior comercial diz respeito às atividades realizadas nos espaços públicos e de circulação urbana, como ruas, praças e proximidades de estações de transporte ou grandes equipamentos urbanos. Engloba vendedores ambulantes, camelôs, barracas e pequenos estabelecimentos de rua, que também operam com baixo capital e tecnologia simples, mas cuja dinâmica depende da mobilidade e dos fluxos de pedestres.

Todavia, passa-se agora a identificar aspectos do que o autor entende por circuito inferior residencial. Este compreende as atividades econômicas desenvolvidas no interior das

⁹ Esses vendedores utilizam-se de infraestruturas urbanas, como postes e hastes, para montar um varal com itens de vestuário: camisas, blusas, calças e chapéus.

moradias ou em seus arredores imediatos, como quintais, garagens, calçadas e cômodos adaptados. Trata-se, em geral, de empreendimentos familiares, com baixo investimento e voltados para uma clientela restrita ao próprio entorno residencial. Nesse contexto, o espaço doméstico adquire uma dupla função, servindo tanto como local de moradia quanto de produção e reprodução econômica, o que evidencia a sobreposição entre as esferas do trabalho e da vida familiar.

A principal diferença observada em campo nesta categoria, em relação àquela presente na teoria, está justamente no público-alvo. Na teoria, o circuito inferior residencial tem uma clientela restrita ao próprio entorno, formada por vizinhos e conhecidos; entretanto, como visto no segundo capítulo, o grande diferencial do circuito inferior no entorno do estádio é justamente o intenso fluxo de pessoas variadas que o evento atrai. Nesse sentido, embora a estrutura e a forma de trabalho sejam as mesmas descritas na teoria, a clientela e os objetivos se aproximam mais daqueles encontrados no circuito inferior comercial.

Por último, mesmo que em menor número, foi possível observar dois casos em que uma residência foi alugada não para moradia, mas para a criação de um estabelecimento que vende produtos temáticos do clube paulista, além de alimentos e bebidas. A diferença entre os dois tipos de pontos consiste principalmente na intencionalidade do serviço. Enquanto o primeiro é composto por moradores que desenvolveram essa atividade como forma de complementar a renda familiar, contando, em geral, com o trabalho dos próprios membros da casa, o segundo apresenta um caráter mais institucionalizado, com a presença de funcionários contratados e estratégias de marketing específicas, chegando, em alguns casos, a manter outras unidades em diferentes estádios. Nota-se que esse último apresenta mais similaridades com o circuito inferior comercial do que residencial.



Figura 9 - Ponto fixo instalado na Av. Jorge João Saad
Fonte: autoria própria (14 set. 2025).



Figura 10 - Ponto fixo residencial voltado para comercialização de produtos
 Fonte: autoria própria (14 set. 2025).

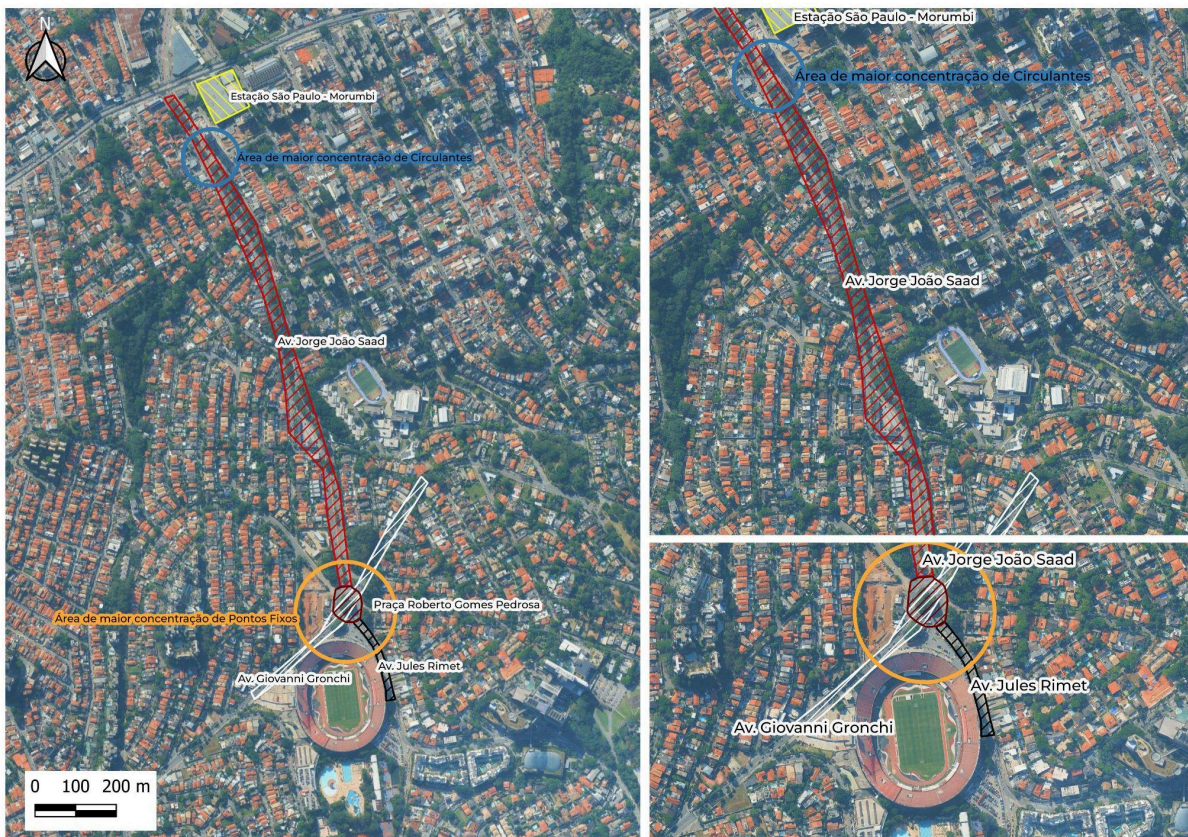


Figura 11 - Aglomeração de circulantes e pontos fixos nos arredores do Estádio do Morumbi em dia de jogo
 Fonte: autoria Própria. Base cartográfica: Google Earth Pro (acessado em 2025).

No que se refere à distribuição dessas categorias, elas não se concentram em uma única localidade, sendo encontrados circulantes, pontos móveis e pontos fixos em todo o espaço demarcado (ver figura 5). Entretanto, foi possível identificar a formação de aglomerações em determinadas áreas (ver figura 11).

Os circulantes, sobretudo aqueles que não trabalham com a venda de produtos alimentícios, são os que mais se aproximam da ideia de vendedor de rua proposta por Santos (2008 [1979], p. 218). Trata-se da categoria menos dependente de uma clientela recorrente, pois saem em busca de clientes esporádicos e tomam proveito máximo de uma ocasião: nos dias de chuva, nota-se um aumento no número de vendedores de capas de chuvas. Já nos dias de muito calor, observa-se um crescente número de carrinhos de sorvete.

Entretanto, é notório que, embora seja a categoria mais espalhada pelas avenidas próximas ao estádio, há uma grande concentração de circulantes nas imediações da estação de metrô São Paulo–Morumbi. Entre os motivos que explicam essa aglomeração, destaca-se o local, visto que é uma área que apresenta um grande número de pessoas em circulação, o que se soma às próprias características dos circulantes: uma vez que ao carregarem poucos produtos e disporem de uma infraestrutura reduzida, conseguem se posicionar próximo às saídas do metrô, um local com pouco espaço limitado para a instalação de estruturas maiores.

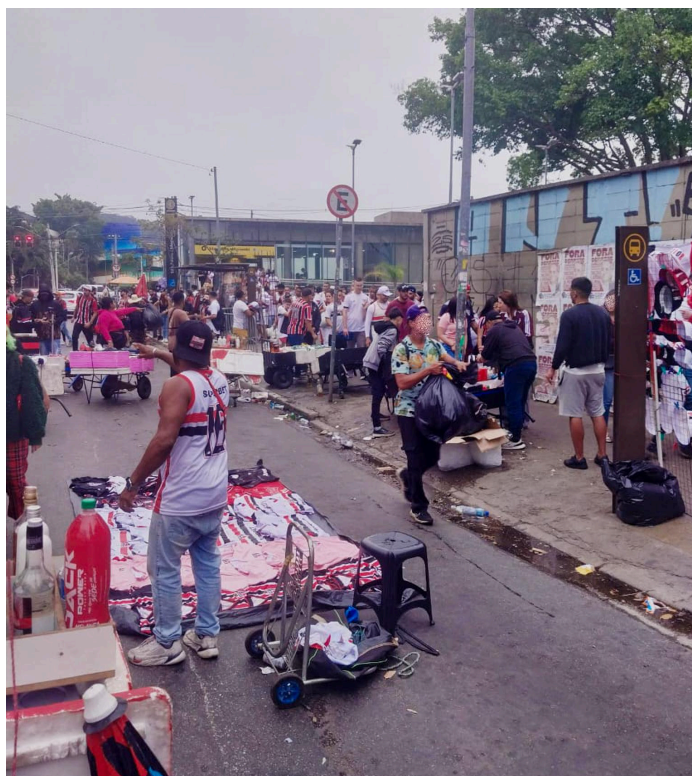


Figura 12 - Circulantes nas imediações da estação de metrô São Paulo-Morumbi
Fonte: autoria própria (14 set. 2025).

A figura acima representa bem a diversidade de produtos e infraestrutura que a categoria apresenta. Na mesma foto, há a venda de produtos alimentícios, vestimentas e acessórios por meio dos carrinhos, isopores, grades, lonas e sacolas.

Os pontos móveis são, entre as categorias presentes, aqueles em que menos se nota uma grande concentração, pois estão espalhados por todo o entorno do estádio. Mas, ainda assim, observa-se que a maioria desses trabalhadores tende a ficar na avenida principal que liga o metrô ao estádio. Entre os motivos que explicam isso, destaca-se a extensão da Avenida Jorge João Saad, que possibilita a instalação de barracas com facilidade e de forma espaçada, além do fácil acesso para os food trucks, que conseguem estacionar ali sem maiores dificuldades.



Figura 13 - Food trucks (pontos móveis) na Avenida Jorge João Saad
Fonte: autoria própria (14 set. 2025).



Figura 14 - Stand da Falange Tricolor (ponto móvel) no cruzamento da G. Vatanabe com a Avenida Jorge João Saad
Fonte: autoria própria (14 set. 2025).

Os pontos fixos residenciais mostram-se presentes em alguns trechos da Avenida Jorge João Saad. Nas demais avenidas, é possível observar também a presença dessa categoria, entretanto, sua maior concentração ocorre nas proximidades do estádio. Os pontos fixos, representados por barracas com maior infraestrutura, estão também concentrados no arco próximo ao estádio.



Figuras 15 e 16 - Concentração de pontos fixos próximo ao estádio, respectivamente na Praça Roberto Gomes Pedrosa e na Av. Jules Rimet
Fonte: autoria própria (23 nov. 2025).

3.2 Perfil do trabalhador do circuito inferior e a questão do trabalho

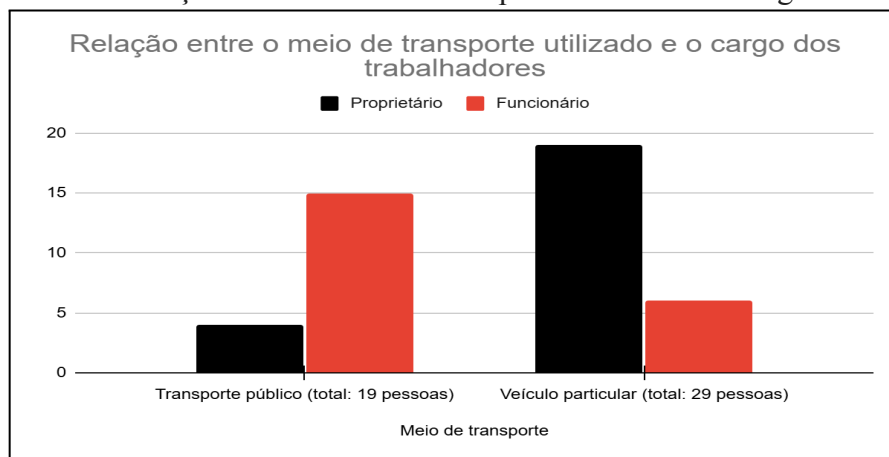
Como mencionado na apresentação deste capítulo, um dos intuitos deste trabalho é compreender o perfil dos trabalhadores que compõem o circuito inferior da área de estudo, isto é, levantar dados referentes a sua inserção nessa atividade, o tempo de atuação nela, o local de moradia e o deslocamento até o estádio, bem como específicos aspectos pessoais, a exemplo da qualificação profissional e, principalmente, sua rotina e atividades nos dias em que não há jogos no Morumbi.

3.2.1 Por que o Morumbi?

Assim, os primeiros levantamentos demonstraram uma enorme diversidade na origem dos deslocamentos, uma vez que os trabalhadores que compõem o circuito têm como partida

diversas áreas da cidade de São Paulo, da região metropolitana e, em alguns casos, de municípios mais afastados (ver anexo 3).

Gráfico 6 - Relação entre o meio de transporte utilizado e o cargo dos trabalhadores



Fonte: elaboração própria com base no questionário realizado no Morumbi entre março e outubro de 2025.

Outro tópico levantado refere-se ao meio de transporte em que os trabalhadores se locomovem até o estádio. Nota-se que a porcentagem entre veículos particulares e transporte público não é tão discrepante. Todavia, as pessoas identificadas como proprietárias ou responsáveis pelo ponto de comércio, seja um carrinho de mão, barraca ou tenda, costumam deslocar-se de veículo particular, enquanto os funcionários ou ajudantes tendem a utilizar o transporte público. Entre os motivos que explicam esse cenário, o principal é justamente o fato de o veículo particular ser capaz de carregar a infraestrutura necessária ao comércio, como as barracas, os carrinhos, as tábuas e demais equipamentos.

Além disso, todos os proprietários que utilizam transporte público pertencem à categoria dos circulantes. Não somente pelo aspecto financeiro e os custos de um veículo particular, novamente trata-se de uma questão logística, visto que essa categoria apresenta maior facilidade para transportar sua infraestrutura por meio do transporte público, quando comparada a outras, que demandam estruturas mais robustas.



Figura 17 - Percurso de circulantes em direção ao Estádio do Morumbi pela Linha 4 Amarela
Fonte: autoria própria (14 set. 2025).

A partir desses dados obtidos, começamos a nos aprofundar com mais detalhes sobre um questionamento que serviu como uma das bases para esse trabalho: “por que o Estádio do Morumbi?”. Na geografia é de costume tratarmos o espaço como protagonista, analisando as circunstâncias a partir dele. Nessa perspectiva, ao nos depararmos com uma variedade de trabalhadores que residem tão longe do Morumbi, percebemos que aspectos como proximidade e identificação cultural com o time ou com o bairro são insuficientes para responder nossa pergunta.

À luz disso, o trabalho de campo permitiu compreender que a escolha pelo Morumbi não é, necessariamente, uma escolha consciente ou exclusiva. Com exceção dos pontos fixos residenciais e dos serviços prestados pelas torcidas organizadas do São Paulo Futebol Clube, os agentes do circuito inferior, em geral,¹⁰ não atuam exclusivamente na área analisada. Quando questionados, explicaram que participam de todos os jogos dos três principais clubes da cidade (Corinthians, Palmeiras e São Paulo), além de shows e outros eventos realizados nos estádios dos respectivos times. Assim, aspectos subjetivos não são considerados pelos entrevistados ao escolher o local de trabalho, apesar de existir preferências. Mais de uma vez, frases como “paixão e trabalho não se misturam” foram faladas, e até mesmo confissões de torcida aos clubes rivais, acompanhadas de justificativas como “se o time ganha, as pessoas ficam mais felizes e consomem mais, negócios são negócios”. Tanto a escolha do Estádio do Morumbi, quanto a dos outros locais de trabalho, está associada justamente às características e

¹⁰ No questionário realizado com 21 trabalhadores, apenas um afirmou trabalhar de forma exclusiva no Estádio do Morumbi, alegando a proximidade do local com a sua residência como principal motivo da sua escolha. O levantamento foi aplicado durante o trabalho de campo, realizado entre os meses de março e outubro.

oportunidades criadas por esse meio ambiente construído adaptado característico de arredores de estádios que propiciam as bases para a instalação do circuito inferior, aprofundadas com mais detalhes no capítulo 2.

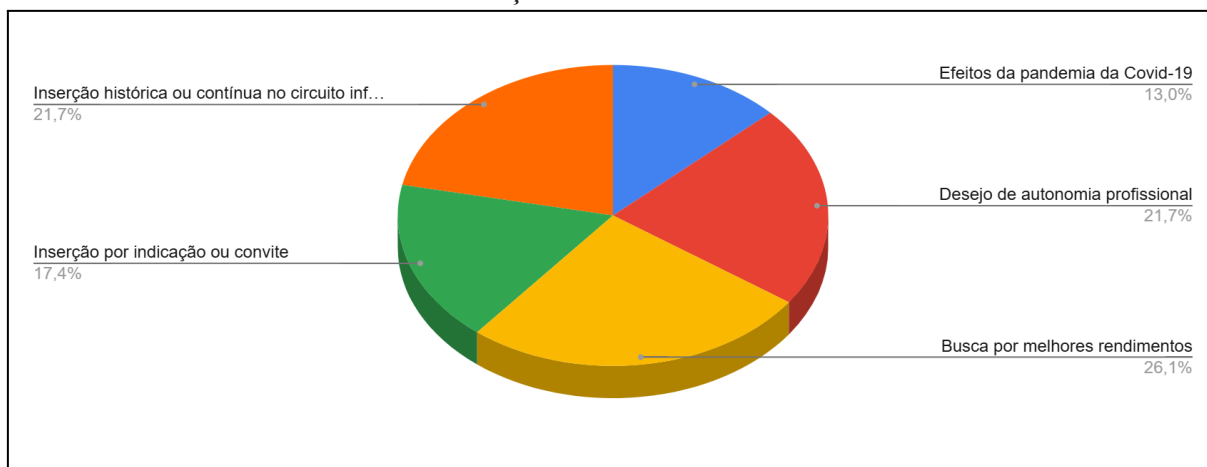
3.2.2 Inserção e permanência no circuito inferior: entre a necessidade e a oportunidade

Nas últimas décadas, o mercado de trabalho brasileiro vem passando por grandes transformações, marcadas pela natureza crescentemente precária das ocupações disponíveis, pela dificuldade de ingressar no mercado de trabalho e pelo aumento da pobreza (MONTENEGRO, 2006, p. 22). Nos últimos anos, a estrutura ocupacional do país passa, cada vez mais, a estar caracterizada pelas seguintes características: forte redução do emprego assalariado formal, aumento do número de vagas assalariadas sem registro, das ocupações não assalariadas e do trabalho por conta própria (IBGE, *PNAD Contínua*, 2024). O circuito inferior, como abordado anteriormente, devido às suas diversas formas de organização, é capaz de oferecer um grande número de trabalhos, conseguindo abrigar grande parte desse contingente.

A partir das ideias de Knapp (1969), Santos (2008 [1979], p. 204) aborda o emprego como a condição de todas as pessoas vinculadas a uma atividade econômica, enquanto o desemprego corresponde à situação daqueles que, embora sem ocupação, estão disponíveis para ingressar em um trabalho nas condições vigentes. Assim, no circuito inferior, só existiriam duas situações possíveis: o emprego e o desemprego. O emprego caracteriza-se pela ampla variedade de atividades, pela facilidade de inserção e pela ausência de exigência de qualificação profissional, sendo, na maioria das vezes, utilizado como meio de subsistência e como a única forma de ocupação disponível.

Desse modo, os dados empíricos obtidos em campo revelam situações que, ao mesmo tempo, corroboram e contrariam alguns dos pressupostos teóricos apresentados, ajudando a compreender melhor o perfil específico dos agentes de atuação dos estádios, ao mesmo tempo que traz novas informações que ajudam a atualizar a teoria para os dias atuais.

Gráfico 7 - Motivo de inserção no circuito inferior dos arredores do Morumbi



Fonte: elaboração própria com base no questionário realizado no Morumbi entre março e outubro de 2025

Entre os fatores que explicam a inserção dos entrevistados no circuito inferior, foram identificadas cinco categorias principais. A maioria dos trabalhadores destacou que os rendimentos obtidos nessa atividade são superiores aos recebidos em ocupações anteriores, sejam elas formais ou informais. São pessoas que entraram nesse tipo de atividade buscando uma maior remuneração financeira. Nessa categoria se destacam os pontos fixos de caráter residencial, uma vez que contrariam um dos princípios do circuito inferior definidos por Santos (1979). Isso ocorre porque, nesses casos, o circuito inferior não se manifesta como um mecanismo de sobrevivência, mas como um meio de ampliação dos rendimentos familiares, em que os agentes se aproveitam da localização privilegiada de sua propriedade para este fim.

A segunda maior porcentagem é dos trabalhadores que sempre estiveram, de alguma forma, a serviço do circuito inferior. Mesmo que não diretamente ligados aos estádios, são pessoas que nunca trabalharam de forma legalizada (CLT), isto é, sempre foram não assalariados, mas que, com o tempo, acabaram tomando como alvo justamente esse tipo de evento. Foi comum entre os entrevistados desta categoria, histórias de vida muito parecidas, pessoas que desde a adolescência, prestavam serviços como forma de ajudar em casa e, posteriormente, como meio de sobrevivência.

O terceiro motivo mais citado foi o da busca por autonomia profissional. Aqui, a motivação para entrada do circuito inferior foi o desejo de trabalhar por conta própria, não possuir um chefe e fazer seus próprios horários. Novamente, são pessoas que não necessariamente entraram no circuito inferior buscando um meio de garantir a sobrevivência, mas sim para ter uma qualidade de vida melhor.

A quarta categoria é a dos trabalhadores que entraram por meio de indicação ou convite. Geralmente, são funcionários ou freelancers que atuam nos pontos fixos, mas

também foi possível identificar circulantes e pontos móveis nesta categoria. Na grande maioria, são pessoas que possuem outro tipo de emprego e utilizam esse tipo de evento como forma de garantir um adicional no fim do mês.

A última categoria é a das pessoas que entraram nesse ramo durante a pandemia, seja pela perda do emprego anterior, seja pelas novas oportunidades criadas. Mais de um entrevistado explicou que, durante esse período, acabou abrindo pequenos negócios de produção de comidas (lanches, marmitas e doces) e, posteriormente, expandiu essas atividades.

Apesar dessa inserção, a pesquisa evidenciou que a maior parte desses agentes desempenha outras atividades ao longo da semana. Dentre elas, sobressaem-se ocupações não assalariadas, como motorista de aplicativo, entregador, vendedor de alimentos, diarista e prestador de serviços eventuais. Há, entretanto, uma parcela menor que mantém vínculos formais de trabalho, principalmente nas funções de atendente e servente de obras. Somente cerca de 25% dos entrevistados trabalham exclusivamente com eventos relacionadas à estádios, como shows e partidas de futebol.

Observa-se também que aproximadamente 30% dos entrevistados possuem algum tipo de qualificação profissional, seja por meio de cursos técnicos ou de graduação, com destaque para formações em design e em áreas administrativas. Contudo, a maioria não exerce atividades relacionadas a essas qualificações.

Por fim, um último dado obtido em campo diz respeito ao tempo de atuação dos entrevistados. No que se refere especificamente ao trabalho realizado nas proximidades do estádio, foram registrados períodos bastante diversos, variando de 1 mês a 10 anos. Em média, o tempo de atividade relatado foi de aproximadamente 4 anos.

3.3 Conteúdos do circuito inferior nas áreas estudadas

Uma vez compreendido o perfil dos agentes que protagonizam este estudo, torna-se necessário aprofundar a análise sobre os demais aspectos que compõem o funcionamento do circuito inferior: sua logística e infraestrutura, as normas e regras próprias, os mecanismos financeiros, a relação com o Estado e com o circuito superior, bem como sua adequação à modernidade.

3.3.1 Logística e Infraestrutura

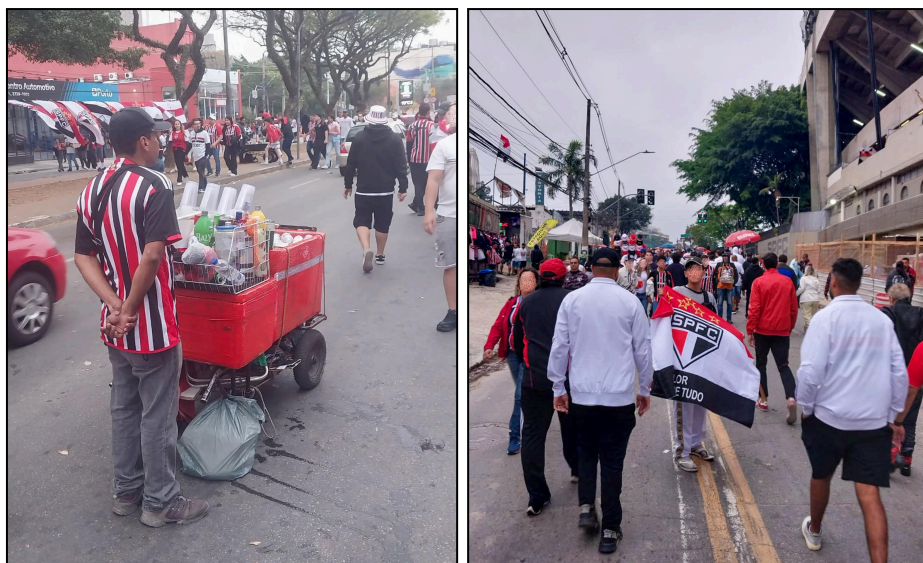
Embora as informações obtidas em campo revelem padrões bastante semelhantes, raros foram os momentos em que houve unanimidade nas respostas. Um exemplo disso se refere aos horários de trabalho, bem como aos procedimentos de montagem e desmontagem dos pontos. Além do questionário, a observação direta em campo nos ajudou a entender que praticamente todos os pontos fixos e os pontos móveis que demandam montagem iniciam o processo, em média, quatro horas antes do início da partida. As poucas divergências dizem respeito aos pontos móveis na forma dos food trucks, cuja principal infraestrutura se encontra no próprio veículo, o que lhes confere maior liberdade para chegar mais tarde. O mesmo acontece com alguns circulantes - sobretudo os de produtos esporádicos, como capas de chuvas e raspadinhas - uma vez que, entre todos, apresentam o processo de montagem mais rápido, isso quando necessitam disso.

Os fatores que motivam essa chegada antecipada relacionam-se a questões estratégicas, tais como evitar o trânsito e as possíveis interdições promovidas pela CET, a superlotação dos transportes públicos, a instalação cuidadosa dos pontos e o alcance do maior número possível de clientes, além de decorrerem também de regras e normas próprias do circuito inferior.

Não há um supervisor ou um responsável pela organização dos pontos pelo espaço. Todavia, entre os stands mais antigos, há um “acordo de cavalheiros”¹¹ em que se há um respeito pelo espaço ocupado anteriormente pelas pessoas, quase não existindo “roubos” de pontos estratégicos. No caso dos food trucks e de alguns circulantes, a regra é aplicada com menos frequência, valendo a lei de quem chega primeiro.

No que se refere à desmontagem e retirada, pela primeira vez, obteve-se unanimidade nas respostas: “enquanto houver clientes, eu continuo por aqui”. Em média, esse período se estende entre uma e duas horas após o término da partida. Uma informação relevante obtida é a de que, no metrô, prioriza-se o escoamento das pessoas, sendo proibido o embarque de objetos volumosos, como carrinhos de mão, tábuas, grades e outros equipamentos, até duas horas após o jogo, sendo essa também uma das razões da espera.

¹¹ Termo usado pelos entrevistados. Um acordo de cavalheiros é um acordo informal e não juridicamente vinculativo, baseado na honra e palavra dos envolvidos, que pode ser oral, escrito ou tácito.



Figuras 18 e 19 - Circulante vendendo bebidas em carrinho de mão e circulante vendendo acessórios
Fonte: autoria própria (14 set. 2025).

Uma vez instalados os pontos de venda, é possível realizar uma análise mais detalhada da infraestrutura de cada categoria. Conforme citado anteriormente, os circulantes são aqueles que apresentam uma estrutura mais simples e, ao mesmo tempo, mais diversificada e criativa. Tendo em vista a necessidade de mobilidade facilitada, os equipamentos utilizados precisam ser leves, de fácil manuseio e de transporte ágil. Para expor seus produtos ao público, inúmeras são as ideias para destacar seus itens e chamar a atenção da clientela — fazendo uso do chão, árvores, avenidas, estruturas urbanas como postes e, com frequência, do próprio corpo. Depois dos carrinhos de mão e isopores, essa última forma é a mais recorrente nas proximidades da estação de metrô, onde se observa grande concentração de trabalhadores que utilizam sacolas e suportes acoplados ao corpo como meio de armazenamento e exposição rápida dos produtos. Essa configuração evidencia não apenas a adaptação às condições do espaço urbano, mas também a criatividade e a capacidade de improviso desses agentes, que reorganizam continuamente seus recursos e estratégias conforme as demandas e restrições do ambiente. De todos os circulantes observados ao longo dos diversos trajetos realizados em campo, a grande maioria atua de forma individual, sendo raros os casos em que se identifica a presença de um ajudante no mesmo ponto

Os pontos móveis, representados pelos food trucks, apresentam a estrutura mais funcional e prática para esse tipo de evento. Como dentro do veículo são armazenados os alimentos, bebidas, ingredientes e demais produtos, seu transporte torna-se extremamente facilitado. Ademais, esse tipo de automóvel conta, na maioria das vezes, com uma chapa acoplada, além de equipamentos como microondas, mini fornos e fritadeiras, que viabilizam o

preparo imediato dos lanches. A maior parte desses serviços baseia-se na ideia de o cliente adquirir o produto e consumi-lo em outro local, sendo poucos aqueles que estabelecem estrutura de apoio para a alimentação no próprio espaço, como cadeiras e mesas. É um tipo de serviço que necessita de poucos funcionários, na maioria dos casos observados, notamos a presença de duas a três pessoas prestando o serviço. Por outro lado, também é comum que o próprio motorista seja também o responsável por anotar o pedido, atender o cliente, preparar o lanche e cobrar o pagamento, tornando-se assim um trabalho individual.



Figuras 20 - Food Truck nos arredores do estádio
Fonte: autoria própria (14 set. 2025).

Os pontos móveis, compostos por barracas e tendas, destacam-se por apresentar uma estrutura mais consistente em comparação à dos circulantes. A maior parte é formada por barracas de menor porte, com espaço reduzido de atendimento ao público, mas que, ainda assim, frequentemente dispõem de cadeiras e mesas. Observa-se, nesses casos, uma pequena divisão de tarefas, com um setor destinado ao preparo dos alimentos e outro voltado ao registro dos pedidos e realização dos pagamentos. Entre os produtos ofertados, predominam lanches rápidos, como pernil, carne louca, cachorro-quente e frango, além de espetinhos, pizzas, hambúrgueres, pastéis e outras comidas típicas de eventos esportivos. É comum encontrar equipes entre uma e três pessoas.

Os pontos fixos, também compostos por barracas e tendas, apresentam características semelhantes às dos pontos móveis, contudo, diferenciam-se principalmente pelo porte maior, o que impossibilita seu deslocamento. Nesses stands, observa-se uma ampliação da área destinada ao preparo dos alimentos, bem como dos espaços de atendimento e alimentação, e

do número de funcionários. Tal ampliação está relacionada à localização privilegiada, uma vez que esses pontos se situam próximos à entrada do estádio e à praça que conecta as três principais avenidas da área de estudo, o que lhes garante maior fluxo e concentração de pessoas. De modo geral, os pontos fixos constituem a categoria menos numerosa na área analisada, sobretudo aqueles de caráter residencial. Em compensação, são o grupo que apresenta o maior número de funcionários.

Os pontos fixos residenciais costumam adaptar garagens ou outros espaços da casa para a instalação de estruturas de apoio ao consumo, como mesas e cadeiras, utilizando-se da própria cozinha da casa para a preparação dos alimentos. Na figura abaixo, podemos ver a representação dessa estrutura, na qual a garagem de uma casa foi transformada para ser utilizada como um espaço de preparação, venda e consumação de alimentos. Essa mudança mostra uma adaptação feita a partir dos recursos que o próprio agente já possui, algo bastante comum dentro do circuito inferior. Além disso, é possível perceber como o ambiente doméstico acaba sendo integrado à atividade comercial, criando uma dinâmica que atende tanto à demanda dos eventos quanto à rotina do próprio morador.



Figura 21 - Consumidores em um ponto fixo residencial.
Fonte: canto pernil.morumbi (2025).

No que diz respeito aos funcionários, com exceção dos pontos fixos residenciais, foram raros os casos em que se observou uma relação de parentesco entre o proprietário e os colaboradores. Como é característico do circuito inferior, não há vínculo formal entre os

contratados, predominando relações informais de trabalho. As equipes costumam ter um número fixo de integrantes que atuam juntos em todos os eventos. Entretanto, foi relatado que, em partidas de futebol com maior público, como no caso de jogos do torneio Libertadores, é comum a contratação temporária de freelancers para reforçar a equipe.

3.3.2 Mercadoria e a questão do estoque

As principais mercadorias oferecidas pelos vendedores de forma constante, ou seja, em todas as partidas, são os produtos alimentícios já mencionados, além de bebidas, especialmente alcoólicas e refrigerantes, e itens de vestuário relacionados ao São Paulo Futebol Clube. De modo pontual, também podem ser encontrados produtos cuja oferta depende de condições específicas, como capas de chuva em dias chuvosos ou sorvetes em períodos de calor intenso, conforme já comentado anteriormente. O objetivo deste tópico é compreender os locais de aquisição dos produtos, a presença ou não de intermediários no processo, a existência de estoques e o destino dado aos produtos que não são comercializados nos dias de jogo, especialmente aqueles de rápida perecibilidade.

De todos os momentos da pesquisa, este foi aquele em que a teoria mais se mostrou evidente na realidade, como se a diferença temporal entre a sua elaboração e o presente pouco tivesse influência. Começando pelo motivo da escolha de cada produto, as bebidas aparecem como a principal opção, justificadas por apresentarem alto valor de revenda, grande demanda e logística de comercialização simplificada, o que garante maior lucratividade e menor esforço quando comparadas à venda de lanches. A comercialização de alimentos típicos de estádio surge como a segunda escolha mais frequente, novamente pela alta demanda e pelo potencial de lucro elevado; no entanto, exige infraestrutura mais robusta e maior número de funcionários, o que, por outro lado, possibilita arrecadações mais expressivas. Por fim, os demais produtos, como os itens de vestuário, são comercializados em menor escala por diversas razões diferentes, entre eles o menor capital financeiro para investimento, preferência individual do vendedor e a busca por maior comodidade, principalmente na figura das pessoas com idade mais avançada, já que o processo de deslocamento é menor.

Novamente, em concordância com o que aponta a teoria, verifica-se que, na realidade, a compra dos produtos e ingredientes é realizada por meio de um intermediário.

Nos países subdesenvolvidos, a existência de intermediários é a própria condição, a base das possibilidades estruturais de funcionamento da economia, as desigualdades de renda são tais, que a economia não poderia funcionar sem isso. Quanto mais pobre é o indivíduo mas ele depende dos intermediários para se

abastecer. Essa dependência aumenta com o tamanho da cidade: nas pequenas cidades, por exemplo, é possível evitar um certo número de intermediários na alimentação (SANTOS, 2008 [1979], p. 225).

Nesse sentido, o intermediário se mostra como uma figura essencial para o funcionamento do circuito inferior. No que se refere à produção alimentar do país, essa importância se acentua, uma vez que a relação direta entre o produtor rural e o consumidor tende a desaparecer em função do tamanho da cidade (SANTOS, 2008 [1979], p. 225). Ademais, o intermediário, aqui representado pela figura do atacadista, ocupa um papel privilegiado e uma posição estratégica no abastecimento, pois dispõe de crédito bancário e de infraestrutura adequada para o armazenamento de diversos tipos de alimentos, sobretudo os perecíveis. Em contrapartida, os pequenos comerciantes raramente possuem os recursos financeiros necessários para adquirir diretamente dos produtores rurais.

Os atacadistas extraem sua força da capacidade de armazenar mercadoria quando, como vimos, os comerciantes do circuito inferior só têm pequenos estoques e sua clientela compra no dia a dia e em pequenas quantidades. de igual modo, a partir de um certo nível de urbanização, os produtos alimentares frescos, portanto facilmente perecíveis, existe um comércio atacadista de tipo moderno. Este se torna, devido às suas possibilidades de estocar, o intermediário necessário entre os agricultores e os comerciantes varejistas (SANTOS, 2008 [1979], p. 226).

Entre as respostas obtidas em campo, verificou-se que os produtos alimentares e os ingredientes utilizados na preparação das comidas são, de modo geral, adquiridos em atacados e supermercados populares, sempre com o intuito de economizar ao máximo. As bebidas, quando não compradas diretamente nesses estabelecimentos, são obtidas por meio de intermediários, representados por adegas e distribuidoras, que oferecem promoções e descontos em compras realizadas com CNPJ. As camisas, bandeiras, toucas e bonés do clube paulista, por sua vez, são geralmente adquiridos em lojas localizadas no centro de São Paulo, sobretudo no bairro do Brás. Vale ressaltar que esses itens de vestuário não são originais e apresentam qualidade inferior. Além disso, por não se tratarem de produtos oficiais, observa-se, além das estampas utilizadas pelo clube, uma variedade de modelos com imagens criadas por fãs e outros designs que circulam e viralizam na internet. Dessa forma, tais peças tornam-se uma importante ferramenta para o aumento das vendas, uma vez que esse estilo é oferecido exclusivamente pelos próprios vendedores, somado aos menores custos quando comparados aos produtos oficiais vendidos nas lojas do estádio ou até mesmo na internet.

No que se refere ao estoque dos produtos, Santos explica que, no circuito inferior, quando há armazenamento, este tende a ser reduzido, com reposição dinâmica e compatível com o capital de investimento do vendedor. “Em termos simples, dir-se-ia que o comerciante

só estoca o que pode vender ou estocar. Em regra geral, a rapidez da renovação dos estoques é tanto maior quanto menor o capital investido” (SANTOS, 2008 [1979], p. 216). Ilustrando essas ideias, entre os entrevistados, todos alegaram que não mantêm estoque, adquirindo os produtos exclusivamente para venda durante o dia do jogo, uma vez que ou não dispõem de capital suficiente para formá-lo, ou não possuem infraestrutura adequada, sendo esse último caso comentado apenas uma vez.

Por fim, outro questionamento dizia respeito aos produtos que não são totalmente comercializados nos dias de jogo. Nesse sentido, os itens que não possuem perecibilidade rápida podem ser armazenados para outros eventos, como é o caso das bebidas e dos produtos não relacionados à alimentação. Já o caso dos alimentos é mais delicado, apresentando uma estratégia praticamente unânime entre os vendedores: “o que é possível de ser congelado será, o restante é destinado à doação ou ao descarte”.

3.3.3 Mecanismo financeiro e a relação com o cliente

Os elementos essenciais para o funcionamento do circuito inferior são o crédito, os intermediários financeiros e o dinheiro líquido. Assim, a compreensão dos mecanismos financeiros envolvidos depende da análise articulada desses fatores (SANTOS, 2008 [1979], p. 228).

De acordo com a teoria, o crédito é indispensável tanto para os agentes quanto para os consumidores. Para os primeiros, constitui a condição de entrada e permanência no negócio; para os segundos, viabiliza a aquisição de produtos. Os intermediários, por sua vez, desempenham a função de conceder crédito aos agentes, seja em dinheiro ou em mercadorias, sobretudo porque o dinheiro líquido nem sempre está disponível de forma imediata. Ademais, sua importância é reforçada pelo fato de que, na maioria dos casos, os trabalhadores do circuito inferior não possuem condições de estabelecer uma relação efetiva com os bancos, já que carecem das garantias financeiras exigidas para a obtenção de empréstimos. Soma-se a isso o fato de que os intermediários costumam oferecer prazos de pagamento mais flexíveis e amplos do que aqueles praticados pelas instituições bancárias.

Já o dinheiro líquido cumpre funções centrais: garante os pagamentos em numerário, viabilizando o consumo final da população, e permite que os agentes mantenham suas pendências em dia, assegurando, assim, o acesso contínuo ao crédito.

O circuito inferior tem uma verdadeira “fome” de dinheiro líquido. Não há contradição entre isso e o fato de a economia urbana pobre só poder funcionar por intermédio do crédito. Assim, a instituição de capital exige que se recorra ao crédito

para entrar ou permanecer numa atividade de comércio ou de fabricação: mas para manter o crédito é indispensável arranjar dinheiro líquido para efetuar o pagamento de pelo menos uma parte das dívidas contraídas (SANTOS, 2008 [1979], p. 232).

Novamente, ao comparar a teoria com a realidade atual, identificamos diversas semelhanças, mas também mudanças significativas decorrentes da distância temporal entre o presente e o momento em que a proposta foi formulada. Como discutido anteriormente, os agentes do circuito inferior que atuam nos arredores do estádio não podem manter estoques de produtos, o que faz com que a aquisição das mercadorias ocorra somente para o dia do evento. Nesse contexto, nem sempre há disponibilidade imediata de dinheiro líquido, tornando o crédito não apenas necessário, mas essencial para a continuidade das atividades.

Entretanto, a principal diferença em relação à teoria está na origem desse crédito. Atualmente, ele não provém de intermediários, mas sobretudo das próprias instituições bancárias. Isso ocorre porque, hoje, o acesso ao crédito é mais facilitado: existe uma grande oferta de bancos e instituições financeiras que, na tentativa de atrair clientes, ampliam as possibilidades e reduzem as exigências para concessão de crédito, sobretudo os bancos digitais e fintechs¹²(CORRÊA; COLLETA, 2024). Ademais, mesmo quando o agente do circuito inferior não consegue obter crédito diretamente, é comum recorrer a familiares ou amigos que tenham acesso bancário e possam intermediar essa obtenção por meio de suas próprias contas. Portanto, mesmo que não seja um crédito que chega a valores maiores, geralmente, é suficiente para atender a necessidade dos trabalhadores de, quando necessário, comprar os produtos para determinado evento.

No que diz respeito aos clientes, o sistema de crédito ainda funciona e de uma forma muito parecida com o procedimento acima, sobretudo uma vez que práticas como “fiado” não são possíveis na nossa área de estudo. O fluxo de pessoas elevado e a rotatividade de clientes, não permite que ocorra uma relação de confiança suficiente para viabilizar tal prática, sendo necessário o pagamento imediato do produto para obter a mercadoria. Todavia, quando o dinheiro líquido não é suficiente, os consumidores também recorrem ao crédito bancário. Atualmente, todos os pontos fixos e pontos móveis oferecem a opção de compra por cartão de crédito, assim como a maioria dos circulantes. Além da maquininha que possibilita o pagamento a crédito, o Pix também é aceito por todos os entrevistados.

¹² Fintechs são empresas que utilizam tecnologia para oferecer serviços financeiros inovadores, como pagamentos, empréstimos e investimentos, de forma digital e mais acessível. Elas combinam as palavras "finanças" e "tecnologia" e podem oferecer vantagens como menor custo operacional, maior agilidade e conveniência para o consumidor, que geralmente gerencia os serviços pelo celular. Exemplos incluem Nubank, PicPay e Mercado Pago

3.3.4 Mecanismo do preço e a questão do lucro

O lucro e a precificação de produtos no circuito inferior sempre são um assunto complexo, sobretudo porque a maior preocupação é justamente a sobrevivência e não a acumulação de capital, o que dificulta estabelecer a porcentagem em cima do preço de custo (SANTOS, 1979). No caso do nosso circuito inferior estudado, uma nova variável entra em discussão, visto que os jogos de futebol não ocorrem semanalmente de forma contínua, pois o calendário esportivo inclui pausas devido às “Datas FIFA¹³”, além de partidas realizadas em outros estados e até mesmo em outros países. Em alguns períodos, o intervalo entre jogos no estádio pode chegar a ser de várias semanas. Essa descontinuidade impacta diretamente a dinâmica de venda e a formação de preços, já que os agentes precisam adaptar sua estratégia a um fluxo de eventos altamente variável. Somado a isso, outra especificidade também característica da nossa área de estudo, como visto no perfil dos agentes, é que grande parte desse grupo tem esse tipo de atividade como uma oportunidade de arrecadar um complemento financeiro, tendo outras fontes de sobrevivência, que não somente essas atividades. Portanto, todas essas questões deveriam ser levadas em conta na precificação dos produtos, mas não necessariamente isso acontece.

“Os preços no circuito inferior dependem, de um lado, das condições em que o comerciante é abastecido e, de outro, das formas de relações com sua clientela. No que concerne sobretudo aos produtos alimentares, a oscilação das quantidades oferecidas no mercado é considerável. Assim os preços tendem a subir quando a oferta é menor. (SANTOS, 2008 [1979], p. 232).

Assim, em um dia de jogo, mesmo que a oferta seja elevada, a demanda também é, o que consegue ocasionar uma boa taxa de lucro em cima do preço de custo, especialmente dos produtos unitários, como as bebidas. Ademais, mesmo que exista um elevado número de agentes atuando, foi possível identificar uma dinâmica próxima a um cartel entre os agentes. No questionário aplicado, criamos o “Índice Coca-Cola” para comparar o valor desse produto em cada estabelecimento, já que se trata do item mais amplamente comercializado nos pontos observados. Os resultados indicam que a maior parte dos vendedores pratica o mesmo preço, com variações pontuais de apenas R\$1 para cima ou para baixo. Essa homogeneidade também se estende a outros produtos característicos do circuito inferior, como lanches e itens de vestuário, que apresentam valores muito semelhantes, quando não idênticos. Na comparação externa, observa-se um contraste significativo com o circuito superior: as lojas de

¹³ A Data Fifa é um período oficial reservado pela entidade máxima do futebol mundial, a FIFA, para que as seleções nacionais disputem partidas oficiais e amistosas. Durante essas datas, os clubes são obrigados a liberar seus jogadores convocados, o que causa a paralisação dos campeonatos nacionais e de clubes.

conveniência ao redor do estádio oferecem preços mais baixos, enquanto os bares e, sobretudo, os pontos localizados dentro do próprio estádio praticam valores mais elevados. Esse último, em particular, destaca-se por uma diferença ainda maior em relação ao circuito inferior.

Os dados obtidos com os questionários informam que cada ponto recebe, aproximadamente, entre 100 a 300 clientes por jogo. Uma vez que lucro é um assunto delicado, muitos optaram por não responder essa última pergunta, o que dificulta o levantamento de valores entre as respostas coletadas. De qualquer modo, foi perceptível que há dois grandes grupos: os que ganham aproximadamente entre 1000 a 2000 reais por jogo, geralmente os pontos fixos próximos ao estádio com maior infraestrutura e os circulantes voltados a bebidas, e os que ganham aproximadamente entre 100 a 400 reais, os agentes que pegam pontos mais distantes do estádio.

3.3.5 Relação com o estado e a questão da fiscalização

Na atualidade, para atuar como comerciante em espaços públicos é praticamente preciso fazer parte do programa Tô Legal. Esse programa, implementado pela Prefeitura de São Paulo, moderniza e agiliza a emissão de autorizações para uso do espaço público, reunindo em um sistema eletrônico a solicitação, emissão e pagamento de documentos como a Portaria de Autorização e o Termo de Permissão de Uso. Por meio da plataforma, comerciantes e prestadores de serviços podem requerer licença para atuar em vias, praças, canteiros e calçadas, desde que a atividade seja legal e previamente autorizada. Criado em 2019 e ampliado em 2022, o sistema garante maior transparência e controle das atividades ambulantes, reduzindo burocracias e permitindo ao usuário acompanhar em tempo real suas permissões, documentos e prazos. (PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO). Portanto, os trabalhadores que não possuem os documentos de Portaria de Autorização ou Termo de Permissão de Uso, estão na ilegalidade.

Nesse sentido, todos os agentes que responderam ao nosso questionário se encontravam na ilegalidade. Quando perguntado o motivo, a maioria afirmou que, apesar de tentarem se legalizar, nunca conseguiram devido a um próprio empecilho do Estado, seja pela dificuldade de acesso às informações, pela falta de vagas disponíveis nos pontos autorizados ou pela burocracia excessiva que torna o processo de regularização praticamente inviável. Considerando que o Estádio do Morumbi constitui um ponto central na rotina desses trabalhadores urbanos, a possibilidade de regularização seria fundamental para melhorar suas condições de trabalho e garantir maior segurança jurídica às suas atividades, mas isso não

ocorre. No site oficial do programa, é possível notar que no recorte da nossa área de estudo, não há nenhum dado sobre trabalhadores com Termo de Permissão de Uso ou Permissões Temporárias. Outro motivo que também foi encontrado, é que segundo a LEI Nº 11.039 de 23 de Agosto de 1991, os ambulantes são proibidos de vender bebidas alcoólicas, o que faz parte da gama de produtos de grande parte dos vendedores de rua.

Nesse viés, uma vez que estão na irregularidade, a fiscalização municipal atua de forma direta sobre esses trabalhadores que exercem suas atividades sem a devida autorização, a figura do “rapa”¹⁴ ou “marreta”. Assim, quando identificada a irregularidade, os agentes fiscalizadores podem apreender imediatamente as mercadorias, equipamentos e veículos utilizados, além de lavrar autos de infração que resultam em multas e cobranças de taxas administrativas.

Contudo, embora as ações fiscalizatórias sejam recorrentes e a atividade não seja legalizada, não há uma postura incisiva do Estado no sentido de impedir de forma definitiva que esses trabalhadores exerçam suas atividades. Além disso, alguns relatos indicam que determinados agentes flexibilizam a fiscalização mediante a oferta de pequenas compensações, como alimentos, ou demonstram maior compreensão, permitindo que o ambulante se desloque para outro local antes que seus itens sejam eventualmente recolhidos.

Portanto, ainda que exista um aparato formal de fiscalização e um conjunto de normas que regulam o uso do espaço público, a atuação estatal revela-se seletiva e marcada por práticas informais, resultando em uma convivência ambígua entre a repressão e a tolerância. Essa dinâmica evidencia não apenas a fragilidade dos mecanismos de controle, mas também a dependência estrutural do circuito inferior para o funcionamento cotidiano do entorno do estádio, reforçando a ideia de que a própria atuação pública contribui para a permanência dessa situação.

¹⁴ "Rapa" é uma gíria que, no contexto de "fiscalização", refere-se à operação de apreensão de mercadorias de vendedores ambulantes não autorizados por parte das autoridades, como a polícia ou agentes municipais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma questão que se mostrou presente ao longo de todo o trabalho foi a questão temporal. De fato, quando se traz ao tempo presente ideias divulgadas no final da década de 1970, é impossível não se atentar a muitos eventos que marcaram aquela época, sobretudo quando pensamos que o mundo estava passando pela Guerra Fria, o Brasil vivia um regime ditatorial e a internet ainda dava seus primeiros passos. Mesmo que autoras como Montenegro e Silveira tenham trabalhado a ideia com olhares mais atuais, o grande objetivo desse trabalho foi dialogar com a obra original, trazendo atualizações e diferenças quando necessário.

As novas tecnologias do mundo moderno, como smartphones, bancos digitais e o acesso ampliado à internet, facilitaram significativamente a inserção do circuito inferior em recursos e infraestruturas que, por muitas décadas, foram restritas ao circuito superior. O uso de ferramentas de divulgação mais acessíveis, das máquinas de cartão e o acesso ampliado ao crédito são alguns exemplos que ilustram essas transformações, como bem observado por Montenegro.

Os dados coletados em campo também nos ajudaram a compreender que, ao menos em algumas regiões, o circuito inferior passou por mudanças importantes. Ele não mais está necessariamente relacionado apenas à sobrevivência, às camadas mais pobres da população ou à total ausência de tecnologias modernas. Entre os novos agentes, encontramos pessoas com formação acadêmica, que viram na inserção no circuito inferior uma forma de melhorar suas condições de vida, seja buscando melhores oportunidades econômicas, seja evitando trabalhos exaustivos em busca de mais conforto e autonomia.

Todavia, sua base e sua essência ainda foram encontradas em nosso estudo. Muitos trabalhadores relataram ter encontrado no circuito inferior uma forma de recomeço, sobretudo após o sentimento de desespero ao sair do mercado de trabalho formal e não conseguir mais retornar a ele. Ainda há aqueles que veem nesse circuito sua única fonte de renda, mantendo uma relação direta com a sobrevivência. Além disso, observamos a permanência da subordinação ao circuito superior, uma vez que os intermediários continuam presentes e, em grande parte, indispensáveis para a aquisição dos produtos que sustentam essas atividades.

Com os dados coletados, acreditamos ter alcançado os objetivos propostos. Conseguimos compreender o funcionamento e a dinâmica do circuito inferior no entorno do estádio, percebendo o quanto esse espaço pode ser rico, complexo e informativo. Identificamos um verdadeiro sistema, dotado de características próprias e de uma organização

interna capaz de responder à volatilidade gerada por um evento esportivo, especialmente quando os públicos chegam à casa de dezenas de milhares.

De modo geral, o estudo evidenciou que, embora transformado pelas novas tecnologias e pelas mudanças sociais das últimas décadas, o circuito inferior mantém elementos estruturais de sua origem, ao mesmo tempo em que se adapta para sobreviver em um contexto urbano cada vez mais dinâmico e competitivo. Essa combinação entre permanências e reinvenções demonstra a vitalidade desse circuito e reforça sua relevância para a compreensão da economia urbana contemporânea.

Cabe acrescentar que também identificamos no trabalho algumas possibilidades de aprimoramento dos procedimentos metodológicos. Ainda que, inicialmente, estivesse planejada a aplicação de 21 formulários, deixamos em aberto a possibilidade de ampliar esse número. Assim, mesmo que as respostas obtidas tenham se mostrado muito semelhantes na maior parte das perguntas — o que trouxe confiança e sustentação aos nossos dados — entendemos que uma amostragem maior talvez pudesse ter gerado novos debates e perspectivas que não apareceram na pesquisa atual.

Entretanto, tal procedimento não foi possível por um motivo claro. O São Paulo Futebol Clube enfrenta uma crise econômica, acumulando quase R\$ 1 bilhão em dívidas, e, diante desse cenário, uma decisão político-administrativa foi tomada em curto espaço de tempo (GLOBO ESPORTE, 2025). Para aumentar a arrecadação, em novembro de 2025, o Estádio do Morumbi deixou de sediar os jogos do clube e passou a ser utilizado para shows internacionais. Como consequência, os mandos de campo do São Paulo foram transferidos para a Vila Belmiro, estádio do Santos Futebol Clube, por meio de um acordo firmado entre as diretorias (SPFC.NET, 2025). Mesmo com um último jogo marcado para o início de dezembro no Morumbi, a partida novamente foi realocada para a Vila Belmiro por decisão do presidente, que temia possíveis críticas e protestos direcionados à sua gestão (SÁ; FURLAN, 2025), o que acabou eliminando qualquer chance de retorno ao Morumbi durante uma partida de futebol neste ano.

Também achamos necessário aprofundar um pouco mais sobre o processo das entrevistas. Uma vez que o único horário possível para a realização do questionário com os trabalhadores era durante o intervalo do jogo¹⁵, não conseguimos passar de 6 questionários

¹⁵ Entre outros motivos, isso se explica porque, no período anterior ao jogo, os trabalhadores estão ocupados com a montagem e o atendimento inicial, enquanto, no período posterior, estão envolvidos com o atendimento ao público e a desmontagem. Assim, o único intervalo viável para a aplicação do questionário ocorreu entre o início da partida e aproximadamente a metade do segundo tempo — cerca de 100 minutos —, já que, antes mesmo do término do jogo, os trabalhadores retomam os preparativos para atender o público na saída.

por partida, o que acabou reforçando a escolha de se manter a aplicação de 21 questionários, vistas as poucas datas disponíveis para a realização do trabalho de campo.

Por fim, essa mudança de estádios também prejudicou o processo de captura de imagens a serem utilizadas no trabalho. A ideia inicial previa uma ida a campo dedicada exclusivamente à fotografia, com o uso de equipamentos especializados, já que, nas outras datas, enfrentávamos a falta de equipamentos ou a realização dos jogos à noite, o que compromete a qualidade das imagens. Diante desse cenário, o plano B foi utilizar as fotografias obtidas anteriormente, durante as primeiras observações de campo, ainda que apresentassem qualidade inferior.

De todo modo, insistimos na importância do trabalho de campo para elucidar a situação do circuito inferior na cidade de São Paulo na contemporaneidade. Nesse sentido, esta pesquisa permitiu trazer ao foco pessoas que acabam passando despercebidas, mostrando suas necessidades, sua relevância e como o Estado poderia agir a fim de promover uma melhora nas condições de vida dessa população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rodrigo Accioli. *Entre muretas e matches: disputas e narrativas hegemônicas na produção simbólica da paisagem através do Santos FC*. In: XIV Encontro Nacional da ANPEGE, 2021, Campina Grande. Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/78476>. Acesso em: 15 out. 2025.

ALMEIDA, RODRIGO ACCIOLI. Brasil, “país do futebol”: globalização e centralidade brasileira na economia política do futebol. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Geografia, São Paulo, São Paulo, 2025.

APPOLINÁRIO, Fábio. *Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa*. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

BERTOLUCCI, Fábio Luiz. *A área central de Uberlândia: espaço preferencial das atividades informais – os camelôs e os ambulantes*. In: SIMPÓSIO REGIONAL DE GEOGRAFIA, 2., 2003, Uberlândia. Anais [...]. Uberlândia, 2003. Disponível em: <http://www.ig.ufu.br>. Acesso em: 15 out. 2025.

BRAGUETO, C.; HÖFIG, P. Considerações sobre Geografia e Futebol: produção do espaço urbano e apropriação do território. *Terra Plural*, Ponta Grossa, v. 7, p. 79-92, 2013.

CALDEIRA, Tereza Pires. *Cidades de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed. 34/EDUSP, 2000.

COMPANHIA DE ENGENHARIA DE TRÁFEGO (CET). *Competências e atribuições*. São Paulo: CET, 28 maio de 2025a. Disponível em: <https://www.cetsp.com.br/consultas/aceso-a-informacao/institucional/competencias-e-atribuicoes.aspx>. Acesso em: 20 ago. 2025.

COMIN, A. Diagnósticos, oportunidades e diretrizes de ação. In: *Caminhos para o Centro: estratégias de desenvolvimento para a região central de São Paulo*. São Paulo: EMURB; Prefeitura do Município de São Paulo; CEBRAP; CEM, 2005.

COMPANHIA DE ENGENHARIA DE TRÁFEGO (CET). *O CET monitora o trânsito no Morumbi para o jogo São Paulo x Atlético Nacional*. São Paulo, 20 ago. 2025b. Disponível em: <https://www.cetsp.com.br/noticias/2025/08/18/cet-monitora-o-transito-no-morumbi-para-o-jogo-sao-paulo-x-atletico-nacional.aspx>. Acesso em: 20 ago. 2025.

COMPANHIA DE ENGENHARIA DE TRÁFEGO (CET). *O CET monitora o trânsito no Morumbi para o jogo São Paulo x Ferroviária*. São Paulo, 20 ago. 2025c. Disponível em: <https://www.cetsp.com.br/noticias/2025/08/15/cet-monitora-o-transito-no-morumbi-para-o-jogo-sao-paulo-x-ferroviaria.aspx>. Acesso em: 11 set. 2025.

COMPANHIA DE ENGENHARIA DE TRÁFEGO (CET) *CET monitora o trânsito no Morumbi para o jogo São Paulo x Palmeiras*. 3 out. 2025d. Disponível em: [https://www.cetsp.com.br/noticias/2025/10/03/cet-monitora-o-transito-no-morumbi-para-o-jogo-sao-paulo-x-palmeiras-\(3\).aspx](https://www.cetsp.com.br/noticias/2025/10/03/cet-monitora-o-transito-no-morumbi-para-o-jogo-sao-paulo-x-palmeiras-(3).aspx). Acesso em: 20 nov. 2025.

COMPANHIA DE ENGENHARIA DE TRÁFEGO (CET). *CET monitora o trânsito no Morumbi para o jogo São Paulo x Bahia*. 24 out. 2025e. Disponível em: <https://www.cetsp.com.br/noticias/2025/10/24/cet-monitora-o-transito-no-morumbi-para-o-jogo-sao-paulo-x-bahia.aspx>. Acesso em: 20 nov. 2025.

COMPANHIA DE ENGENHARIA DE TRÁFEGO (CET). *CET monitora o trânsito no Morumbi para o jogo São Paulo x Botafogo*. 12 set. 2025f. Disponível em: <https://www.cetsp.com.br/noticias/2025/09/12/cet-monitora-o-transito-no-morumbi-para-o-jogo-sao-paulo-x-botafogo.aspx>. Acesso em: 20 nov. 2025.

COMPANHIA DE ENGENHARIA DE TRÁFEGO (CET). *CET monitora o trânsito no Morumbi para o jogo São Paulo x Ceará*. 26 set. 2025g. Disponível em: <https://www.cetsp.com.br/noticias/2025/09/26/cet-monitora-o-transito-no-morumbi-para-o-jogo-sao-paulo-x-ceara.aspx>. Acesso em: 20 nov. 2025.

CORRÊA, Barbara Priscila de Souza; COLETTA, Carolina. O acesso ao crédito em bancos digitais e fintechs aumenta a probabilidade de endividamento pessoal no Brasil?. *Revista Ciências Administrativas*, [S. l.], v. 30, p. 1–13, 2024. DOI: 10.5020/2318-0722.2024.30.14924. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rca/article/view/14924>. Acesso em: 15 nov. 2025.

D’ALEXANDRIA, Marcel Azevedo Batista. *A reinvenção de lugares por meio do futebol: o caso da Fonte Nova*. 2021. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geografia, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/17875>. Acesso em: 15 out. 2025.

DIÁRIO DO TRANSPORTE. *A inauguração da estação São Paulo-Morumbi está prevista para este sábado, 27*. São Paulo: Diário do Transporte, 25 out. 2018. Disponível em: <https://diariodotransporte.com.br/2018/10/25/metro-inaugura-estacao-sao-paulo-morumbi-da-linha-4-neste-sabado-dia-27/>. Acesso em: 1 set. 2025.

DIÁRIO DOS TRILHOS. *Maioria dos torcedores do São Paulo utilizam o metrô para ir aos jogos, aponta ViaQuatro*. Diário dos Trilhos, 26 fev. 2025. Disponível em: <https://diariodostrilhos.com/2025/02/26/maioria-dos-torcedores-do-sao-paulo-utilizam-o-metro-para-ir-aos-jogos-aponta-viaquatro/>. Acesso em: 18 ago. 2025.

DUNCAN, J. Landscape taste as a symbol of group identity: a Westchester County village. *Geographical Review*, v. 63, n. 3, p. 334-355, jul. 1973.

ESTÁDIO DO MORUMBI. *História do Estádio do Morumbi*. Disponível em: <https://www.estadiodomorumbi.com.br/historia-do-estadio-do-morumbi/>. Acesso em: 5 set. 2025.

FOSSALUZA, Maria Fernanda Amorim. O comércio nas mídias sociais: estratégias de uso e apropriação das técnicas informacionais pelo circuito inferior da economia urbana. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025. Disponível em: https://bdta.abcd.usp.br/directbitstream/4baf656f-74ce-4a00-8553-863b2591f1a1/2025_MariaFernandaAmorimFossaluza_TGI.pdf. Acesso em: 06 ago. 2025.

GLOBO ESPORTE. O mapa da crise: São Paulo sofre com falta de dinheiro, lesões sem fim, racha político e atrasos. *Globo.com*, 29 nov. 2025. Disponível em:

<https://ge.globo.com/futebol/times/sao-paulo/noticia/2025/11/29/o-mapa-da-crise-sao-paulo-s-ofre-com-falta-de-dinheiro-lesoes-sem-fim-racha-politico-e-atrasos.ghtml>. Acesso em: 05 dez. 2025.

GOHN, Maria da Glória. Morumbi: o contraditório bairro-região de São Paulo. *Caderno CRH*, Salvador, v. 23, n. 59, p. 7-21, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/5fJKVXjTWrxnZjCPxGzR7Kr/?lang=pt>. Acesso em: 17 set. 2025.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua: retrospectiva anual 2012-2023. Principais destaques da evolução do mercado de trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Principais_destaque_PNAD_continua/2012_2023/PNAD_continua_retrospectiva_2012_2023.pdf. Acesso em: 17 out. 2025.

KITAMURA, Camila; MIRANDA, Mariana; RIBEIRO FILHO, Vitor. O comércio e serviços ambulantes: uma discussão. *Caminhos de Geografia*, v. 8, n. 23, p. 20-26, 2007. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15656>. Acesso em: 21 out. 2025

MANIAUDET, Guilherme; SILVA, Leandro. Flamengo lidera rankings de público do Brasileiro 2025; veja balanço do 1º turno. *Globo Esporte*, 12 ago. 2025. Disponível em: <https://ge.globo.com/gato-mestre/noticia/2025/08/12/flamengo-lidera-rankings-de-publico-do-brasileirao-2025-veja-balanco-do-1o-turno.ghtml>. Acesso em: 2 out. 2025.

SERRA, Michael; ARQUIVO HISTÓRICO JOÃO FARAH; SÃO PAULO FC. *Novo recorde de média de público no MorumBis*. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.saopaulofc.net/novo-recorde-de-media-de-publico-no-morumbis/>. Acesso em: 1 set. 2025.

MONTENEGRO, Marina Regitz. A teoria dos circuitos da economia urbana de Milton Santos: de seu surgimento à sua atualização. *Revista Geográfica Venezolana*, v. 53, n. 1, p. 147-164, 2012.

MONTENEGRO, Marina Regitz. *O circuito inferior da economia urbana na cidade de São Paulo no período da globalização*. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MONTESSORO, Claudia. *Centralidade urbana e comércio informal: os novos espaços de consumo no centro de Anápolis*. 2006. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. *Distritos e bairros*. São Paulo, 2023a. Disponível em: <https://drive.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/upload/bairros.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2025.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. *O CET monitora o trânsito no Morumbi para o jogo São Paulo x Sport*. São Paulo, 27 mar. 2025. Disponível em: <https://prefeitura.sp.gov.br/w/cet-monitora-o-tr%C3%A2nsito-no-morumbi-para-o-jogo-s%C3%A3o-paulo-x-sport>. Acesso em: 20 ago. 2025.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. *Regiões, subprefeituras e distritos municipais*. São Paulo, 2023b. Disponível em: https://drive.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/regioes_subprefeituras_e_distritos_municipais_1702504900.htm. Acesso em: 21 ago. 2025.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. *Lei nº 11.039, de 23 de agosto de 1991*. Disciplina o exercício do comércio ou prestação de serviços ambulantes nas vias e logradouros públicos do Município de São Paulo. Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-11039-de-23-de-agosto-de-1991>. Acesso em: 4 nov. 2025.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. Sistema *Tô Legal*: sobre comércio e serviços. Disponível em: <https://tolegal.prefeitura.sp.gov.br/Home/SobreComercioServicos>. Acesso em: 15 nov. 2025.

SÁ, Gabriel; FURLAN, Valentin. São Paulo troca Morumbi por Vila por medo de protestos contra Casares. *UOL Esporte*, São Paulo, 25 nov. 2025. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2025/11/25/sao-paulo-troca-morumbi-s-por-vila-por-medo-de-protestos-contr-casares.htm>. Acesso em: 05 dez. 2025.

SANTOS, Milton. *Espaço e método*. São Paulo: Edusp, 2008 [1985].

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021 [1988].

SANTOS, Milton. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. São Paulo: Edusp, 2008 [1979].

SANTOS, Milton. Pobreza urbana. Cap. 3 “Pobreza urbana no Terceiro Mundo: marginalidade ou bipolarização”. p. 35-55, 1978.

SANTOS, Milton. *Por uma economia política da cidade*. São Paulo: Edusp, 2012 [1994].

SPFC.net. São Paulo deixa o Morumbi e fará jogos na Vila Belmiro por causa de shows. 27 out. 2025. Disponível em: <https://spfc.net/news/271134/sao-paulo-se-despede-do-morumbi-em-2025-entenda-os-motivos-que-levam-ao-desligamento-do-estadio.html>. Acesso em: 05 dez. 2025.

SILVEIRA, María Laura. Crises e paradoxos da cidade contemporânea: os circuitos da economia urbana. *Anais do X Simpósio Nacional de Geografia Urbana*, Florianópolis, 29 out. -- 2 nov. 2007. Disponível em: <http://www.xsimpurb.ufsc.br/>. Acesso em: 21 jan. 2025

SILVEIRA, María Laura. Modernização contemporânea e nova constituição dos circuitos da economia urbana. *Geosp – Espaço e Tempo (Online)*, v. 19, n. 2, p. 246-262, ago. 2015. ISSN 2179-0892.

SINGER, P. *Globalização e desemprego. Diagnósticos e alternativas*. São Paulo, Contexto, 1999.

ANEXOS

Anexo 1- Questionário realizado com os trabalhadores do circuito inferior.

Questionário Universidade de São Paulo, FFLCH, Departamento de Geografia.

Projeto: O Circuito Inferior nos Arredores do Morumbi em dias de jogos do São Paulo Futebol Clube.

Atividade:

Grupo:

Data:

Histórico:

Qual bairro onde vive? _____

Qual caminho você segue para chegar até aqui? _____

Como você começou nesse trabalho: _____

Há quanto tempo trabalha nessa atividade: _____

Em que atividade trabalhava anteriormente: _____

Por que saiu do trabalho anterior? _____

Você possui alguma formação profissional? _____

Trabalha em alguma outra atividade? _____

O que faz nos outros dias? _____

Morumbi:

Por que você escolheu o Morumbi para trabalhar?

Trabalha em mais algum outro evento / estádio?

Logística e Infraestrutura :

Observar como é a estrutura física _____

Qual horário você geralmente chega? É nesse horário que você já começa a montar a barraca?

Qual horário você geralmente começa a desmontar a barraca?

Como funciona a organização aqui do espaço, tu geralmente fica neste local ou varia dependendo do dia? _____

Alguma pessoa coordena essa distribuição pelo espaço?

Você tem algum funcionário ou pessoa que te ajuda? _____

Esse funcionário ou ajudante é familiar, contratado?

Pode falar um pouco mais sobre seus funcionários?

Sabe o bairro onde moram esses funcionários ou ajudantes? _____

Chama mais gente dependendo da época do ano? _____

Onde você geralmente compra seus produtos? _____

Possui algum estoque ou realiza a compra dos produtos somente para o jogo?

Mecanismos Financeiros e preço:

Observar as formas de pagamento dos clientes _____

Preço coca-cola _____

Por que tu escolheu esse produto para vender?

O que tu faz com a mercadoria que não conseguiu vender no final do dia?

Adaptação à modernidade:

Observar se há algum tipo de publicidade _____

Recebe algum auxílio do Estado? _____

Há alguém que implica ou tenta atrapalhar
vocês? _____

Estimativas:

Você acredita que atende quantos clientes por dia? _____

Se fosse estimar um valor, quanto você acredita que ganha no dia?

Anexo 2- Perfil do Torcedor São Paulino em sua experiência no Estádio do Morumbi

Questionário elaborado por um graduando da USP que estuda o circuito inferior da economia nos arredores do Estádio do Morumbi em dias de jogo. Este formulário busca compreender, principalmente, a relação dos torcedores com a compra de produtos próximos ao estádio.

1. Qual sua idade? (Marcar apenas uma oval.)

- Menos de 18
- 18–25
- 26–35
- 36–45
- 46–55
- 56 ou mais

2. Você é torcedor(a) do São Paulo Futebol Clube? (Marcar apenas uma oval.)

- Sim
- Não

3. Quantas vezes você já foi ao Estádio do Morumbi em dias de jogo? (Marcar apenas uma oval.)

- 0–5
- 5–10
- 10–20
- 20–50
- 50+

4. Como você geralmente se desloca da sua residência até o Estádio do Morumbi? (Marcar apenas uma oval.)

- Metrô
- Ônibus
- Aplicativo de transporte (Uber, 99...)
- A pé
- Trem + Metrô
- Ônibus + Metrô
- Ônibus + Trem + Metrô
- Carro

5. Você costuma passar por alguma dessas avenidas no trajeto? (Marque todas que se aplicam.)

- Av. Jorge João Saad
- Av. Jules Rimet
- Av. Giovanni Gronchi

6. Você tem preferência por horário ou dia de jogos? (Marque todas que se aplicam.)

- Só vou a jogos à noite
- Só vou a jogos de dia
- Só vou a jogos de final de semana
- Só vou a jogos de semana
- Não me importo

7. Em qual setor você costuma ir ao Estádio do Morumbi? (Marque todas que se aplicam.)

- Arquibancada
- Cadeira Superior
- Cadeira Térrea
- Camarote

8. Você costuma comprar produtos nas lojas do Estádio do Morumbi? (Escala)

- Sempre
- Frequentemente
- Ocasionalmente
- Às vezes
- Nunca

9. O que você geralmente compra nas lojas?

- Alimentos
- Bebidas
- Acessórios
- Vestimentas
- Outro
- Nada

10. Você costuma comprar de vendedores ambulantes próximos ao Estádio? (Escala)

- Sempre
- Frequentemente
- Ocasionalmente
- Às vezes
- Nunca

11. O que você geralmente compra de ambulantes?

- Alimentos
- Bebidas
- Acessórios
- Vestimentas
- Outro
- Nada

12. Você consome em lojas e bares próximos ao Estádio? (Escala)

- Sempre
- Frequentemente
- Ocasionalmente
- Às vezes
- Nunca

13. O que você geralmente compra nesses locais?

- Alimentos
- Bebidas
- Acessórios
- Vestimentas
- Outro _____
- Nada

14. O clima dos arredores te influencia a consumir produtos? (Escala)

- Concordo totalmente
- Concordo
- Neutro
- Discordo
- Discordo totalmente

15. Comentário livre sobre a afirmação acima.

16. A partida de futebol te influencia a consumir produtos? (Escala)

- Concordo totalmente
- Concordo
- Neutro
- Discordo
- Discordo totalmente

17. Comentário livre sobre a afirmação acima.

18. Sinta-se à vontade para acrescentar algo sobre sua experiência.

Anexo 3- Origem dos deslocamentos dos trabalhadores do circuito inferior rumo ao Estádio do Morumbi

TABELA - Origem do deslocamento dos trabalhadores do circuito inferior rumo ao Estádio do Morumbi

Fonte: elaboração própria com base no questionário realizado no Morumbi entre março e outubro de 2025

Origem do Deslocamento	Quantidade de Pessoas
Raposo Tavares	4
Santo Amaro	4
Arthur Alvim	3
Itaquera	3
Lapa	3
Santo André	3
Grajaú	2
Jabaquara	2
Liberdade	2
M'Boi Mirim	2
Santana	2
Saude	2
Sé	2
Barra Funda	1
Guaianases	1
Itaim bibi	1
Jaraguá	1
Jardim Ângela	1
Mauá	1
Pedreira	1
Penha	1
República	1
Tatuapé	1
Tucuruvi	1
Vila Maria	1
Vila Sônia	1
TOTAL	47